



Recortes de Imprensa

Março 2015



COM O APOIO:





SIC junta-se à APAV em novo hino



OITO VOZES CANTAM 'CANSADA' Rodrigo Guedes de Carvalho é o autor da música e letra de 'Cansada', o novo hino da APAV (Associação de Apoio à Vítima). O tema, com arranjos e produção musical de Filipe Melo, foi gravado pela Orquestra Sinfonietta de Lisboa, dirigida por Vasco Pearce de Azevedo. O poema sobre violência doméstica foi cantado por Aldina Duarte, Ana Bacalhau, Cuca Roseta, Gisela João, Manuela Azevedo (na foto com Tiago Guedes), Marta Hugon, Rita Redshoes e Selma Uamusse. O videoclipe de Tiago Guedes será divulgado no "Jornal da Noite" da SIC de sexta-feira, dia 6. FOTO ALFREDO ROCHA

319 agressores com pulseira eletrónica



Pulseiras são usadas há quatro anos

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

MAIS de 300 agressores usam hoje a pulseira eletrónica devido a casos de violência doméstica, indicam os dados provisórios da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP).

No dia (ontem) em que se completaram quatro anos de recurso à pulseira no âmbito da violência doméstica, 319 arguidos encontravam-se em vigilância eletrónica, mais 23 do que os registados em 31 de dezembro do ano passado.

Em 2014, a pena ou medida

de vigilância eletrónica foi aplicada a 313 agressores, dos quais 235 foram considerados finalizados durante esse período. A DGRSP assinalou que, de 2009 a 2014, a taxa de sucesso da aplicação da vigilância eletrónica, para impedir o contacto com a vítima de violência doméstica, é de 96,64%, registo que inclui todos os casos não revogados por incumprimento.

Desde 2011 até janeiro deste ano, a aplicação desta medida para impedir contacto dos agressores com as vítimas apresenta valores superiores entre 91,43%, em 2011, e 99,29%, em 2013.

Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), 30 mulheres e 10 homens morreram em quadro de violência doméstica. As "Estatísticas APAV Crimes sexuais 2000-2012" referem que, neste período, foram totalizados 5710 casos de violência doméstica, correspondendo este número aos crimes de "violência doméstica - violação e abuso sexual de crianças", com 3473 casos (53,7%).●



Justiça

Mais de 300 usam pulseira electrónica

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Mais de 300 agressores estão a usar a pulseira electrónica devido a casos de violência doméstica, de acordo com os dados provisórios divulgados pela Direcção-geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP).

QUATRO ANOS

O recurso à pulseira electrónica completa quatro anos e segundo esta direcção-geral 319 arguidos encontram-se nesta situação, mais 23 do que os registados em 31 de Dezembro do ano passado. Em 2014, a pena ou medida de vigilância electrónica foi aplicada a 313 agressores, dos quais 235 foram considerados finalizados durante esse período.

No ano anterior, 229 agressores utilizaram a pulseira electrónica, com 141 casos a serem declarados findos nesse período.

TAXA DE SUCESSO

A DGRSP assinalou que, de 2009 a 2014, a taxa de sucesso da aplicação da vigilância electrónica, para impedir o contacto com a vítima de violência doméstica, é de 96,64%, registo que inclui todos os casos não revogados por incumprimento. Desde 2011 até Janeiro deste ano, a aplicação desta medida para impedir contacto dos agressores com as vítimas apresenta valores superiores, entre 91,43%, em 2011, e 99,29%, em 2013. Segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), 30 mulheres e 10 homens morreram em quadro de violência doméstica.

Drama Amigos não acreditam no suicídio de MARIA ZAMORA

No passado dia 22 de fevereiro, Maria Zamora, 40 anos, foi encontrada morta em sua casa. Aparentemente, tudo leva a crer que se tratou de suicídio, mas familiares e amigos da atriz não acreditam nessa versão. A Polícia Judiciária (PJ) está a investigar o caso. Há cerca de um ano que Maria estaria a ser vítima de *stalking* (perseguição) e violência doméstica por parte do ex-namorado. Quem o conta é Raquel Freire, uma das melhores amigas da atriz. “A família e muitos amigos sabiam. Ela não fez segredo em relação a isso”, diz a realizadora e acrescenta: “Ele fazia-lhe esperas em público e no trabalho. Era um caso muito típico de violência doméstica. Aliás, ele já tinha cadastro por maus-tratos a duas mulheres. A Maria tinha feito uma peça sobre o tema e, por isso, tinha um pouco mais de conhecimento do assunto do que a maior parte das mulheres tem, mas isto pode acontecer a qualquer pessoa, em qualquer altura.”

Sobre o ex-namorado pouco se sabe: “Foi uma pessoa que se apresentou como um príncipe encantado no início do namoro e depois revelou-se um agressor terrível. Ela namorou um ano com ele.” Maria tinha terminado a relação na primavera, faz agora um ano. “A partir dessa altura, ele começou a persegui-la. Ela teve de fugir para proteger-se e, entretanto, teve de voltar porque tinha de trabalhar. As pessoas não podem continuar fugidas para sempre e estava a decorrer um processo em tribunal. Tudo o que ela queria é que este pesadelo acabasse o mais depressa

MORTE ENVOLTA em MISTÉRIO

possível pela justiça”, revela a amiga.

A realizadora conta que na primeira vez que a amiga foi agredida “ele tentou matá-la. A Maria tinha descoberto que ele mentia e que se fazia passar por uma pessoa que não era. Quando o confrontou com a mentira, ele atacou-a e tentou sufocá-la. Os vizinhos ouviram os gritos e chamaram a Polícia. Portanto, na primeira agressão, a Maria foi salva pelos vizinhos”. Nessa altura, a atriz terá feito queixa. “Ele teve de sair da casa dela e depois voltou várias vezes, e ela era obrigada a chamar a PSP. A Polícia deu-lhe ordem para manter-se afastado até seis metros da

Maria, só que ele não cumpria. Lembro-me dela contar que ele voltava sempre com a desculpa de que tinha deixado lá em casa qualquer coisa, para poder ter um pretexto para voltar, o que é típico dos agressores. Ela vivia aterrorizada. O grande sonho da Maria era viver sem medo”, revela Raquel Freire.

“PROCUROU TODOS OS APOIOS POSSÍVEIS”

Em outubro do ano passado, a atriz procurou apoio na APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima): “Ela estava a ser acompanhada desde outubro. Procurou todos os apoios possíveis. A Maria era uma mulher muito inte-



Luísa Ortigoso, Maria Zamora e João Balão



Raquel Freire com Maria e Anna da Palma



Vítima de *stalking* e de violência doméstica por parte do ex-namorado, a atriz já tinha feito queixa dele à Polícia. Maria estava a ser seguida pela APAV desde outubro e preparava-se para mudar de casa. A PJ está a investigar o caso.



PERCURSO PROFISSIONAL

Maria Zamora trabalhava na Operação Nariz Vermelho, organização de apoio a crianças em ambiente hospitalar, onde desempenhava o papel de Dra. Tutti-Frutti. Atualmente, fazia parte do elenco da novela da TVI *Jardins Proibidos*, onde dava a vida a Maria João. A atriz também participou em várias novelas, como *Sol de Inverno*, *Destinos Cruzados*, na série *Inspetor Max* e no filme *Crime do Padre Amaro*.

ligente e com muita consciência sobre o assunto, por isso é que isto é tudo chocante. Nenhum amigo ou familiar acredita que ela tenha posto termo à vida. No dia em que morreu, falou com a família e enviou fotos da casa nova para onde se ia mudar, porque ele já sabia onde ela estava e continuava a persegui-la.”

Com medo de estar em sua casa, Maria chegou a mudar-se durante algum tempo para casa dos pais, em Macedo de Cavaleiros: “Falávamos muito através

do Facebook e ainda na semana passada ela disse-me que estava a ser muito duro, porque o ex-namorado estava a atacá-la e a ameaçá-la. Disse-me que ia mudar de casa, porque nos últimos tempos teve de estar escondida em casa de várias amigas.”

Os pais da atriz também viviam com receio de que o pior pudesse acontecer e estão destrozados: “Eles estavam sempre com medo que lhe acontecesse alguma coisa. Estavam desejosos que o processo terminasse e

gostariam que ela não estivesse em Lisboa, mas ela tinha de trabalhar e não podia estar para sempre longe do seu trabalho.”

Há cerca de um mês, Maria Zamora tinha começado a namorar com o músico João Balão, o que terá deixado o ex-namorado ainda mais furioso. Foi o músico que a encontrou morta em sua casa. Raquel Freire está a viver em Paris e diz que ainda não conhece o namorado da amiga: “Era uma relação muito recente.” **A**



300 com pulseira em violência doméstica

Mais de 300 agressores usam hoje a pulseira electrónica devido a casos de violência doméstica, indicam os dados provisórios da direcção-geral de Reinserção e Serviços Prisionais.

Ontem, no dia em que se completaram quatro anos de recurso à pulseira no âmbito da violência doméstica, 319 arguidos encontravam-se em vigilância electrónica, mais 23 do que os registados em 31 de Dezembro do ano passado.

Desde 2011 até Janeiro deste ano, a aplicação desta medida para impedir contacto dos agressores com as vítimas apresenta taxas de sucesso entre 91,43%, em 2011, e 99,29%, em 2013.

Segundo elementos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), 30 mulheres e 10 homens morreram em quadro de violência doméstica.

As “Estatísticas APAV Crimes sexuais 2000-2012” referem que, nes-

te período, foram totalizados 5.710 casos de violência doméstica, correspondendo este número aos crimes de “violência doméstica -- violação e abuso sexual de crianças”, com 3.473 casos (53,7%).

As mulheres são as principais vítimas, atingindo o valor máximo em 2003, com 548 vítimas. Em 17% dos casos, a vítima tinha entre os 26 e 35 anos, e em 14,7% das situações, entre 18 e 25 anos.



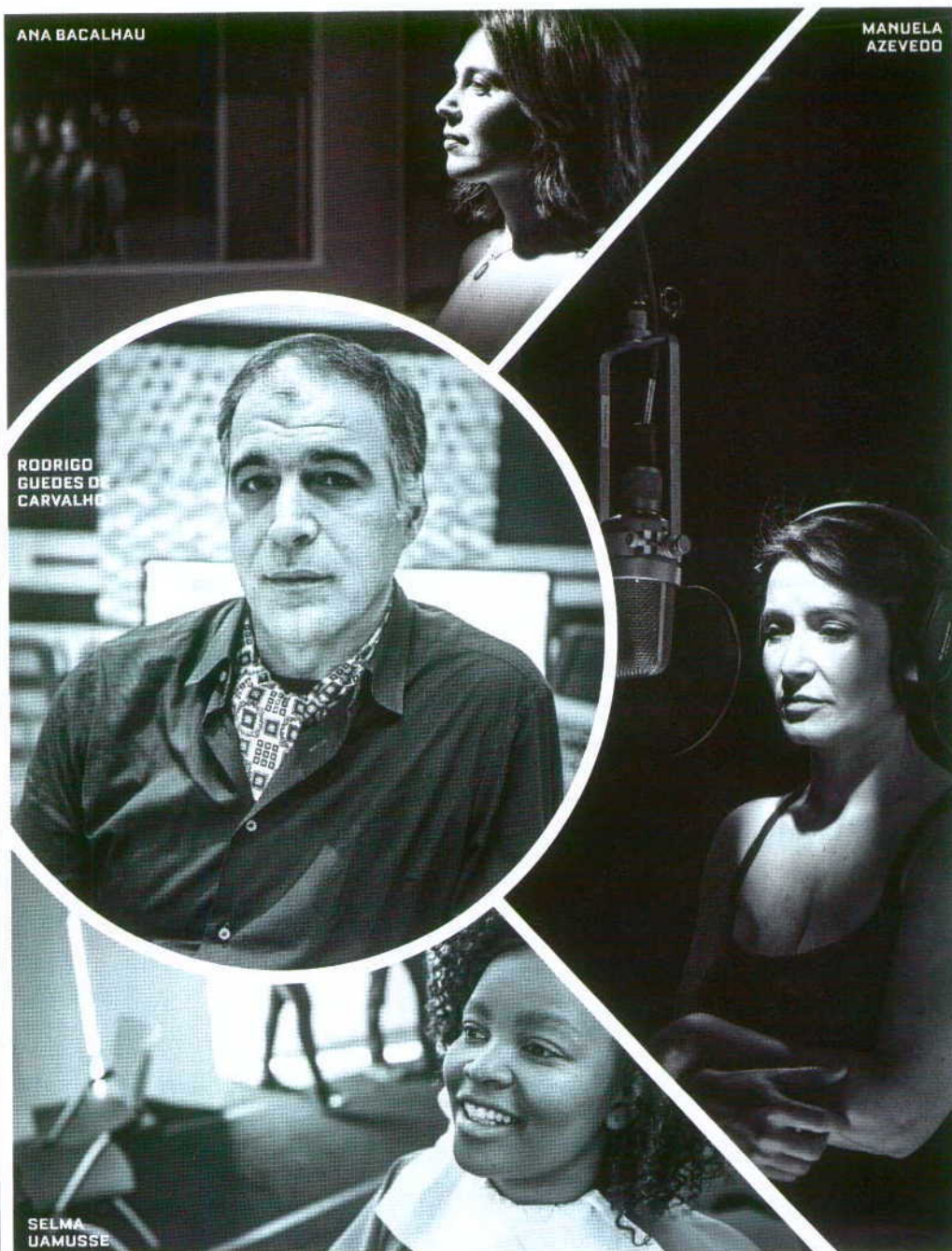
frente

Oito mulheres contra a violência doméstica

Rodrigo Guedes de Carvalho escreveu e oito cantoras dão voz a «Cansada», um hino contra a violência doméstica. **LIA PEREIRA** assistiu às gravações e falou com alguns dos protagonistas da iniciativa da APAV.

GRAVADA nos estúdios Atlântico Blue, em Paço de Arcos, no passado dia 11 de fevereiro, a canção «Cansada» nasceu muito antes, e num contexto bem diferente, explicou à BLITZ Rodrigo Guedes de Carvalho. O jornalista da SIC é, também, o mentor da iniciativa que pretende alertar as consciências para a incidência da violência doméstica em Portugal, tendo sido inicialmente abordado pela APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) com vista a noticiar as iniciativas da entidade. «O presidente [João Lázaro] convidou-me para falar, a propósito dos 25 anos da APAV. Ele sabe que eu sou uma pessoa sensível às causas e eu disse-lhe que a SIC estaria interessada [em fazer a cobertura das ações da APAV]». Numa fase «posterior e mais descontraída», Guedes de Carvalho confidenciou-lhe ter aquilo a que chama «uma banda de sala de estar, com três cinquentões meus amigos: fazemos músicas originais, para descontrair. E até lhe disse: tenho lá uma música que um amigo está sempre a dizer que parece um hino da APAV!». Interessado em escutar a canção e entusiasmado com o que ouviu, João Lázaro pensou então com Guedes de Carvalho na transformação de «Cansada», uma música que o autor recorda como «muito simples», em algo de «grandioso. E como a letra é o lamento de uma mulher na primeira pessoa, eu tive a ideia de que fosse toda cantada por mulheres. Só assim teria a força de uma união nacional».

A escolha das oito vozes nacionais que entoam «Cansada» coube a Guedes de Carvalho e Filipe Melo, que o jornalista convidou para criar os arranjos. «Fizemos uma lista de cantoras; algumas achámos que não tinham perfil para isto, outras são tão majestáticas que poderiam ofuscar as outras», confessa. Com atenção ao ecletismo da seleção – «temos



três fadistas, mas também pessoas do jazz, e intérpretes de registos muito diferentes, da Ana Bacalhau à Selma Uamusse» – o pivô do Jornal da Noite só ouviu «sins». «Fui eu que as contactei pessoalmente, e todas as que aqui estão me disseram sim desde a primeira hora», congratula-se. «Numa segunda fase, perguntaram-me: mas qual

é a letra, qual é a música? Claro que tinham de gostar, mas em relação a dar a cara pelo projeto, disseram logo que sim».

UM ELENCO DE LUXO

Quando chegámos aos estúdios Atlântico Blue, pouco depois do meio-dia de uma quarta-feira luminosa, Marta Hugon acabava de gravar a

sua participação; seguir-se-ia Ana Bacalhau, dos Deolinda, entusiasmada por poder usar a sua visibilidade para apoiar uma causa maior. «Fiquei super feliz e emocionada com o convite, porque a violência doméstica é uma realidade que me perturba», partilhou com a BLITZ. «Além disso, as vozes e as personalidades [aqui



reunidas] são tão diferentes, todas elas tão vincadas, tão marcantes e tão fortes, que o resultado final só pode ser muito bom». Além de Marta Hugon e Ana Bacalhau, passariam pelos estúdios, até ao fim do dia, Aldina Duarte, Cuca Roseta, Gisela João, Rita Redshoes, Selma Uamusse e Manuela Azevedo. A vocalista dos Clã foi, precisamente, a senhora que se seguiu, trocando algumas palavras com a BLITZ antes de cantar os quatro versos que cabiam a cada convidada. «A violência, seja de que forma for, mas sobretudo a que se passa dentro de casa, no sítio que deve ser o nosso ninho e um local de conforto, de amor, de paz, [é muito grave]. Que ainda aconteça tanto, como acontece no nosso país, é intolerável; poder contribuir para que as consciências se apercebam [desta realidade]

pelo trabalho de todas estas cantoras. De alguma maneira, até me surpreendeu pela positiva o convite do Rodrigo, por achar que não me encontro no mesmo patamar de notoriedade que elas». O altruísmo da iniciativa fala, porém, mais alto, no coração da vocalista que integra os Wraygunn: «No final de contas, a vida não é sobre nós, é sobre aquilo que nos envolve e a mim, enquanto mãe, principalmente, importa-me deixar alguma coisa neste mundo que não seja só a minha bela carreira. Não podemos ficar indiferentes a atos tão egoístas e autocentrados – a violência nunca é resposta para nada e essa é uma bandeira que irei sempre defender».

Entusiasmado com a disponibilidade das cantoras que convidou, Guedes de Carvalho espera agora que a canção e o seu vídeo – realizado

"O FILIPE MELO SABE FAZER ARRANJOS FABULOSOS, ELAS TÊM UMA VOZ FABULOSA, EU FIZ UMA LETRA DE QUE ME ORGULHO. NÃO PODEMOS SUBSTITUIR-NOS À POLÍCIA E AOS TRIBUNAIS. AJUDAMOS DA FORMA COMO PODEMOS" RODRIGO GUEDES DE CARVALHO

é fundamental», garantiu, alertando para alguns equívocos comuns na discussão pública de casos de violência doméstica: «Culpar a própria vítima ou achar que a violência é uma manifestação extrema de amor, de necessidade de ligação àquela pessoa, é um absurdo. Não há amor que mereça esse nome, quando se concretiza de forma tão violenta». Igualmente sensível ao flagelo é Selma Uamusse, que diz ter aceite o convite mesmo antes de conhecer a estética do projeto ou as participantes no mesmo. «A questão da violência doméstica toca-me pessoalmente, por estar a par de situações que me são próximas. Enquanto músicos, temos a responsabilidade de dar voz às coisas que achamos que são importantes», defende a artista. «Do lado musical, claro que nos interessa fazer parte de um projeto [estimulante], e eu tenho grande admiração

por Tiago Guedes, seu irmão – se tornem virais, ajudando a espalhar a mensagem. E garante que a sua sensibilidade para a causa é, mais do que a de um jornalista que todos os dias noticia casos de violência doméstica, igual à de um «qualquer espectador. Ciúmes já todos sentimos, mas que o homem tenha direito a exercê-lo até ao limite, que é eliminar o objeto do seu ciúme, não pode acontecer. O que se está a passar é o mais básico atentado à liberdade individual, porque mesmo as mulheres que não são mortas não vivem em liberdade, vivem no terror de serem perseguidas». Ciente da complexidade do problema, remata: «O que fazemos, então? O Filipe Melo sabe fazer arranjos fabulosos, elas têm uma voz fabulosa, eu fiz uma letra de que me orgulho. Não podemos substituir-nos à polícia e aos tribunais; ajudamos da forma como podemos». 🔊



DÃO VOZ A HINO PELAS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Aldina Duarte, Rita Redshoes, Gisela João, Ana Bacalhau, Marta Hugon, Cuca Roseta e Selma Uamusse são sete das oito mulheres que aceitaram o desafio de Rodrigo Guedes de Carvalho para afinar as suas vozes a favor da APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

por Cláudia Alegria

Despertar consciências para o problema da violência doméstica é o objetivo do videoclipe que será lançado esta semana a propósito da comemoração dos 25 anos da APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Rodrigo Guedes de Carvalho é não só autor da letra e música da canção, mas também 'pai' da ideia, já que acabou por ser o jornalista o grande dinamizador deste projeto, para o qual contou com o apoio incondicional de oito

“Esta é uma questão com muitas caras, com muitas dimensões, que é preciso expor, é urgente falar delas.”
(Aldina Duarte)

vozes femininas portuguesas, que dão vida ao tema *Cansada*: Aldina Duarte, Ana Bacalhau, Cuca Roseta, Gisela João, Manuela Azevedo, Marta Hugon, Rita Redshoes e Selma Uamusse.

A CARAS acompanhou este encontro entre cidadãos unidos numa só voz para quebrar o silêncio de uma problemática que está, de forma assustadora, muito presente na sociedade portuguesa. “A ideia nasceu de um poema que foi musicado por mim e uns amigos. Numa conversa com o presidente da APAV falei-lhe da existência deste poema e ele manifestou curiosidade em lê-lo. A partir daí, ficou interessado em saber se poderíamos fazer alguma coisa com isto. Sendo uma canção cantada na primeira pessoa por uma mulher, pensámos

FOTOS: JOÃO LEMOS MAQUILHAGEM: SOFIA QUEIROZ E MAGDA CASQUEIRO





FOTOS: JOÃO LEMOS

que a mensagem teria mais força se juntássemos vozes de grandes mulheres para a cantar. Por isso, contactei as cantoras, uma a uma, e todas as que aqui estão foram as nossas primeiras escolhas, minhas e do **Filipe Melo**, responsável pelos arranjos musicais. Foi uma aventura maluca, mas que conseguimos concretizar”, conta Rodrigo Guedes de Carvalho, visivelmente feliz por ter encontrado um grupo de pessoas igualmente preocupado em dizer ‘basta’. “Todos os dias, no Jornal da Noite, tenho que dar uma notícia sobre violência doméstica, de tal forma que se está a tornar perigosamente banal. O número é absolutamente assustador. Mas como é que isto se resolve? Como

é que se ataca? O que é que está a falhar aqui? É o sistema judicial? É a polícia? É a legislação que está mal feita? É a educação que está a falhar? São as famílias que estão a falhar? Dizem que é um problema de geração, mas hoje vê-se miúdos de 19 anos a dar chapadas às namoradas... Se a música tiver a força de chegar ao coração, de colocar as pessoas a pensar neste drama horrível a que devemos tentar pôr cobro, a sermos mais atentos, ótimo. A nossa intenção é fazer um alerta, mantendo o tema

na agenda”, justifica o jornalista, de 51 anos.

Uma opinião partilhada pela fadista Cuca Roseta, de 33 anos, que não hesitou em aceitar o

“Acho que nós, enquanto artistas, temos que ser os primeiros a dar cara e voz a estes projetos.”
(Cuca Roseta)

convite para fazer parte deste projeto. “É preciso fazer qualquer coisa, porque ficarmos de braços cruzados não vai ajudar em nada. Acho que nós, enquanto artistas, temos que

ser os primeiros a dar a cara e a voz a estes projetos, que precisam da nossa força.”

Também Ana Bacalhau se prontificou desde o início a participar neste desafio de alinhar

voces em torno desta causa. “Foi um desafio que aceitei prontamente, porque as notícias que têm vindo a lume acerca de vários episódios lamentáveis de violência doméstica, principalmente aqueles que resultam na morte de alguém, têm vindo a deixar-me bastante perturbada. Portanto, tendo a oportunidade de fazer alguma coisa que traga este assunto para a discussão pública, não poderia deixar de aceitar de imediato o desafio”, conta a vocalista dos Deolinda, de 36 anos, assegurando que afinar vozes de um grupo de cantoras com personalidades tão distintas foi um processo muito fácil, conforme nos explica: “É um conjunto incrível de artistas extraordinárias,



Oito vozes femininas, com características e personalistas distintas, quiseram abraçar esta causa dando vida a um poema escrito por Rodrigo Guedes de Carvalho e que resultará num videoclipe a lançar pouco antes do Dia Internacional da Mulher.

“Se pudermos dar voz a bonitas canções, ótimo. Se pudermos dar voz a bonitas canções, com letras profundas e com uma mensagem especial, melhor ainda.” (Selma Uamusse)

com vozes incríveis, personalidades marcadas, com um discurso muito próprio, e, para mim, é uma felicidade poder trabalhar com elas. Tenho a certeza de que o resultado só pode ser espetacular.”

Manuela Azevedo, por seu lado, destaca a importância de participar num projeto cujo objetivo é alertar consciências. “A sensação de cumprir um dever como cidadã, como mulher, de poder contribuir para chamar a atenção de causas importantes e acordar as consciências da nossa sociedade é o que me move. Estes alertas são fundamentais, são sempre urgentes, e quantos mais se fizerem, melhor. Cresceremos mais saudáveis”, diz a vocalista dos Clã, de 45 anos.

Selma Uamusse assegura ter aceitado “sem hesitação nenhuma” este desafio “ainda antes de saber quem eram as pessoas envolvidas ou qual seria a estética, inclusivamente musical” por se sentir “identificada enquanto mulher, enquanto cidadã, e porque acho que é um dever cívico”. Segundo a cantora, de 33 anos, é um privilégio dar voz a uma campanha destas. “Nós, enquanto artistas, enquanto músicos, temos o privilégio de sermos seguidos de uma maneira ou de outra com alguma atenção.

Se pudermos dar voz a bonitas canções é ótimo. Se pudermos dar voz a bonitas canções, com letras profundas e com uma mensagem especial, melhor ainda.”

“Temos o dever de dar voz e de trazer esta questão para cima da mesa todos os dias.” (Gisela João)

acompanho de perto o trabalho da APAV há muito tempo. Tenho visto todas as campanhas que tem vindo a fazer, não só em relação à violência contra as mulheres, mas também contra as crianças.

Acho que é um trabalho muito importante, para sensibilizar, para mudar mentalidades, que é uma coisa tão difícil, e é preciso fazê-lo muitas vezes. Quantas mais vozes se juntarem, melhor. Infelizmente, é um trabalho muito gradual, porque nós gostaríamos de ver as coisas mudarem mais depressa, mas é importante que as pessoas estejam atentas, e acho que este projeto alerta, e fá-lo de uma forma muito eficaz, dando-nos a nós também a oportunidade de participar enquanto mulheres e artistas com quem as pessoas também se podem identificar. Independentemente de quem é a vítima, é importante que todas as pessoas se identifiquem e percebam que isto é uma questão com muitas caras, com muitas



Aos 51 anos, o 'pivot' da SIC assume a sua faceta musical, tendo revelado à CARAS que tem uma banda de 'sala de estar', da qual faz parte o filho, Rodrigo, de 23 anos, que toca bateria.

dimensões, que é preciso expor, é preciso falar e pô-la cá fora, em cima da mesa. Ainda que seja uma questão complexa, é preciso falarmos dela sempre que possível."

Uma opinião partilhada pela cantora de jazz Marta Hugon. "Sou uma mulher bastante atenta a estas questões e espero que este conjunto de mulheres e esta iniciativa do Rodrigo alerte as pessoas e, se for possível ajudar a mudar algumas realidades, melhor."

"Acho que nós, enquanto seres humanos, seres pensantes, temos o dever de dar voz, de falar, de trazer esta questão para cima da mesa diariamente", conclui a fadista Gisela João, de 31 anos.

"Sabemos que não há uma fórmula mágica, mas uma coisa eu sei: o silêncio não vai resolver absolutamente nada." (Rodrigo G.C.)

Rodrigo Guedes de Carvalho tem noção de que só este videoclipe "não vai resolver nada" mas espera que seja, pelo menos, um motivo de reflexão. "Se cada vez mais pessoas tiverem coragem para denunciar, se houver pessoas que repensem a legislação, se tentarem perceber o que é que acontece, de facto, aos homens que são presos... Passam lá os 25 anos ou a verdade é que a pena é reduzida para metade e até acabam por sair ao fim de oito anos por bom comportamento, e vão outra vez atrás das mulheres que agrediram? O que é que se passa quando uma mulher faz uma queixa e a GNR a manda para casa, acabando por ser morta quando chega a casa? É preciso convocar psicólogos e psiquiatras para perceber o que vai na cabeça destes homicidas que decidem matar alguém mesmo sabendo que vão passar o resto da vida na prisão. Sabemos que não há uma fórmula mágica, mas uma coisa sei: o silêncio não vai resolver absolutamente nada." ●

FOTOS: JOÃO LEMOS

"Todos os dias, no 'Jornal da Noite', tenho que dar uma notícia sobre violência doméstica, de tal forma que se está a tornar perigosamente banal." (Rodrigo G. de Carvalho)

**RODRIGO GUEDES
DE CARVALHO
REÚNE CANTORAS
PARA DAR VOZ
A HINO A FAVOR
DAS VÍTIMAS
DE VIOLÊNCIA**





RODRIGO GUEDES DE CARVALHO TORNA-SE



Rodrigo Guedes de Carvalho, Filipe Melo e Tiago Guedes



Selma Uamusse



A Orquestra Sinfonietta de Lisboa

Apostado em fazer tudo para concretizar a ideia de gravar um videoclipe para a APAV que chamasse a atenção para a problemática da violência doméstica, **Rodrigo Guedes de Carvalho** conseguiu fazer-se

rodear de uma equipa de excelência que o ajudou a concretizar este projeto ambicioso.

Cansada, o nome do tema escrito e musicado pelo *pivot* da SIC, será divulgado pouco antes do Dia Internacional da Mulher e

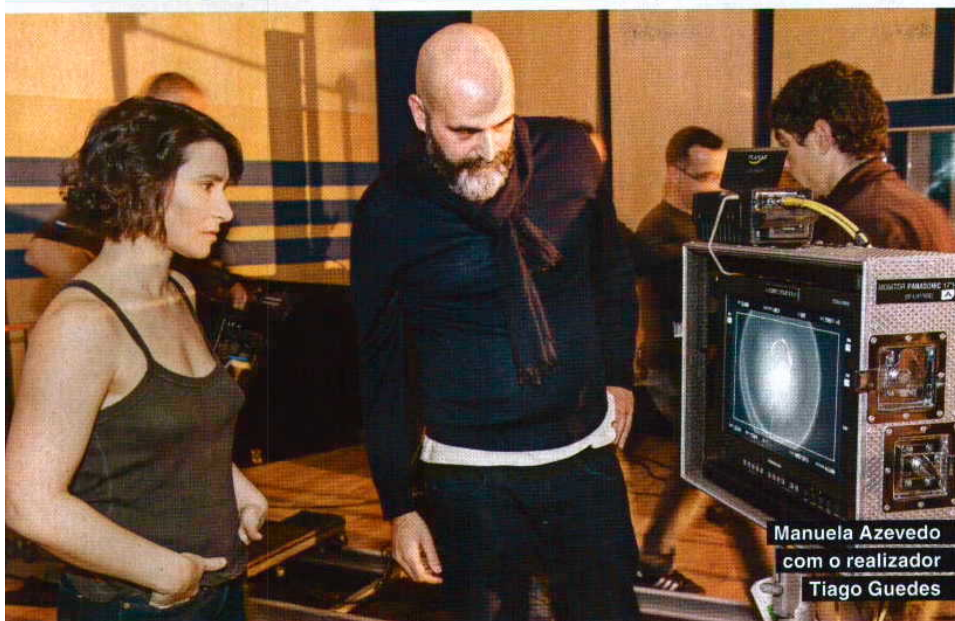
junta as vozes de **Aldina Duarte**, **Ana Bacalhau**, **Cuca Roseta**, **Gisela João**, **Manuela Azevedo**, **Marta Hugon**, **Rita Redshoes** e **Selma Uamusse**.

Com arranjos e produção musical de **Filipe Melo**, a música

é interpretada pela Orquestra Sinfonietta de Lisboa, dirigida pelo maestro **Vasco Pearce de Azevedo**, contando ainda com a participação de **Filipe Melo** no piano, **Nelson Cascais** no contrabaixo, **Alexandre Frazão**



‘MAESTRO’ DE UMA EQUIPA DE EXCELÊNCIA



Manuela Azevedo
com o realizador
Tiago Guedes



Cuca
Roseta



Rita
Redshoes



Gisela
João

O ‘pivot’ da SIC concretizou um projeto ambicioso ao organizar a gravação de um videoclipe para a APAV com a participação de oito cantoras e a Orquestra Sinfonietta de Lisboa nos estúdios Atlântico Blue.

“Este é um grupo de pessoas muito especiais.”
(Filipe Melo)

na bateria e Ana Castanhito na harpa. O som e a imagem foram gravados nos estúdios Atlântico Blue, e o videoclipe tem a assinatura do irmão de Rodrigo Guedes de Carvalho, o realizador Tiago Guedes.

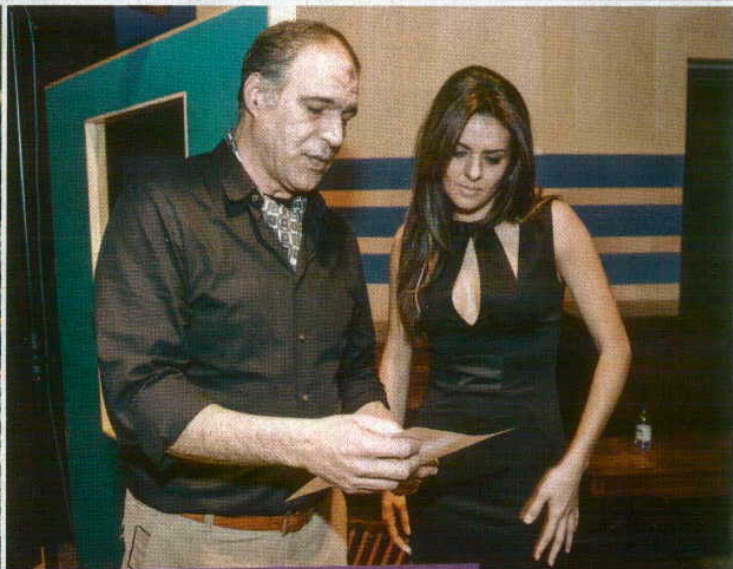
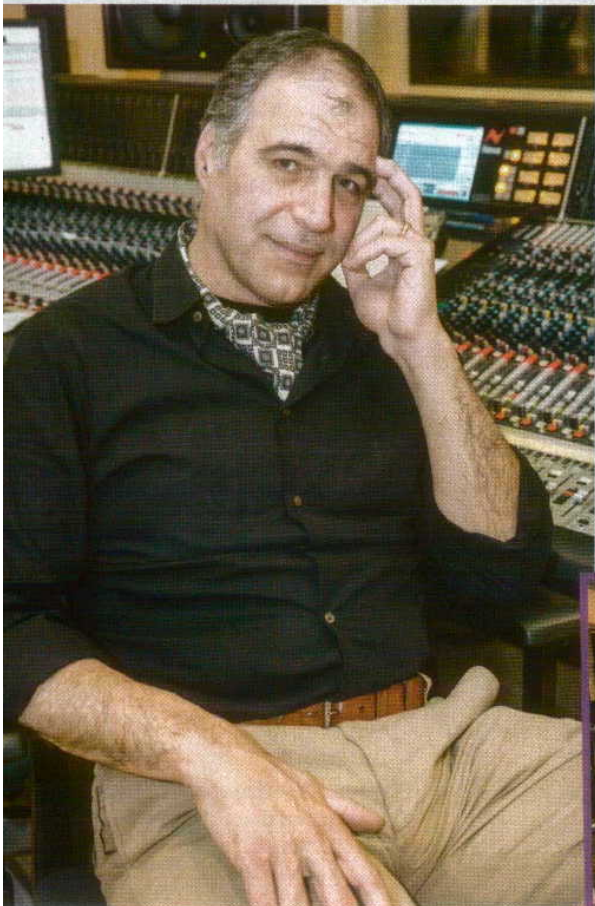


Rodrigo Guedes de Carvalho, Filipe Melo,
José Maria Sobral, maestro Vasco Pearce
de Azevedo e Rui Guerreiro

especial

RODRIGO GUEDES DE CARVALHO escreve canção para APAV

"FOI UMA AVENTURA"



O pivô assistiu à gravação do tema pelas cantoras convidadas e à rodagem do videoclipe, realizado pelo seu irmão, Tiago Guedes

"Cansada" é o novo hino da Associação de Apoio à Vítima, que celebra 25 anos. Letra e música são da autoria do jornalista da SIC

Como nunca é demais chamar a atenção pública sobre o drama da violência doméstica, **Rodrigo Guedes de Carvalho**, de 51 anos, escreveu uma letra e música, intitulada "Cansada", que irá servir de hino à APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). O lançamento do tema será no dia 6 durante o "Jornal da Noite", na SIC. **"A ideia nasceu de um poema que foi musicado por mim e uns amigos. Numa conversa com o presidente da APAV falei-lhe desta existência deste poema e ele manifestou curiosidade em lê-lo", afirma o pivô, acrescentando: "Foi**

uma aventura maluca, mas que conseguimos concretizar". Para dar voz à música foram convidadas oito cantoras nacionais (*ver caixa*). Os arranjos musicais ficaram a cargo de Filipe Melo e a música é interpretada pela Orquestra Sinfonietta de Lisboa, dirigida pelo maestro Vasco Pearce de Azevedo.

Irmão fez o videoclipe

Após a gravação do tema, o realizador **Tiago Guedes** (irmão do jornalista da SIC) disponibilizou-se a criar o videoclipe que também será apresentado dia 6.



Oito mulheres dão voz

Foram várias as vozes femininas portuguesas que aceitaram dar voz a esta causa nobre. **Aldina Duarte, Ana Bacalhau, Cuca Roseta, Gisela João, Manuela Azevedo, Marta Hugon, Rita Redshoes e Selma Uamusse** juntaram-se para interpretar "Cansada". Veja na revista "Caras" a produção fotográfica com as artistas e o autor desta ideia.

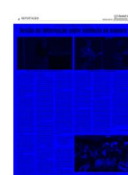


Palestra sobre violência no namoro e maus tratos

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) realiza no dia 20 de fevereiro, pelas 10h10, no auditório da Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro, nas Caldas da Rainha, uma palestra para sensibilizar os alunos para o problema da violência no namoro e dos maus tratos e abusos sexuais.

O público-alvo são cerca de 100 alunos do 8º ano, inclusive da escola de Santa Catarina, que vão estar presentes com o apoio da Câmara Municipal de Caldas da Rainha, que disponibilizou o seu autocarro para a deslocação.

“Estas ações são muito importantes para o Agrupamento de escolas Rafael Bordalo Pinheiro, pois fomentam a aproximação das escolas do mesmo, apesar da distância geográfica”, refere Sílvia Sousa, professora na escola Bordalo Pinheiro, onde desempenha as funções de coordenadora do PES (Promoção e Educação em Saúde).



Escola Secundária de Molelos

Sessão de informação sobre violência no namoro



Natália Cardoso, representante da APAV de Coimbra

O auditório da Escola Secundária de Molelos foi pequeno para albergar tantos alunos que compareceram no dia 19 de fevereiro para assistir a meio da manhã a uma sessão de informação e sensibilização sobre violência no namoro promovida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Esta iniciativa inseriu-se na quinzena dos afetos que decorreu no Agrupamento de Escolas Cândido de Figueiredo que teve entre a plateia a sua diretora Helena Gonçalves. Depois de uma pequena apresentação da professora Ana Madeira Antunes sobre a iniciativa em causa foi dada a palavra a Natália Cardoso da APAV de Coimbra. Esta centrou a sua palestra no quotidiano dos nossos jovens que sentem em muitos casos vários tipos de violência nomeadamente nas suas relações amorosas.

Antes, convém salientar que a APAV visa na sua ação auxiliar as vítimas de crime, mas também as suas famílias e os seus amigos que são afetados. Essa ajuda surge através de prestação de serviços de apoio gratuitos de qualidade e confidenciais.

Natália Cardoso deixou claro que instituição que representa não se preocupa apenas com a violência doméstica mas todo o tipo de crimes como contra o património, crimes sexuais, quer seja com crianças, ou adultos, mas também, outro tipo de agressões físicas que

acontecem no contexto não familiar.

Para além de ser uma organização sem fins lucrativos a APAV dedica-se também ao voluntariado social já que uma grande parte das pessoas que colabora com esta instituição é de uma forma voluntária sem remuneração. Este é mesmo considerado um voluntariado muito profissional que inclui especialistas ligados ao Direito, Psicologia, Serviço Social, Sociologia e outras áreas das ciências humanas. No fundo o que está em causa é a prestação de um serviço gratuito como uma forma de devolver à comunidade algum apoio pondo em prática aquilo que alguns vão adquirindo com a sua profissão.

A APAV presta ainda apoio de uma forma individualizada, qualificada e humanizada às vítimas de crime, através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais, desde apoio genérico mais informativo, para além de três tipos de apoios mais específicos, como o jurídico, social e psicológico. Estes podem ser efetuados por telefone, presencialmente ou por escrito, exceto o apoio psicológico que implica uma relação mais próxima entre o profissional e a pessoa que precisa deste tipo de apoio.

O conceito de violência para a Organização Mundial de Saúde data de 1996 refere que esta está ligada com o uso intencional da força física ou poder, em forma de ameaça ou praticada contra si

mesmo, outra pessoa ou comunidade. Existem também diferentes tipos de maus tratos como a negligência que pode ser psicológica, emocional e física bem como a violência interpessoal, o trabalho infantil e a violência sexual.

No meio de tudo isto há relações saudáveis e não saudáveis com direitos mas também com deveres que devem ser cumpridos. Por exemplo, quando são dadas determinadas opiniões elas devem ser respeitadas pelos respetivos companheiros. Ao Estabelecer limites logo esses devem ser respeitados pelo outro e se dissermos não a alguma coisa que não nos interessa essa resposta também deve ser acatada. Entre os direitos devemos decidir e escolher sem pressão, ter amigos do sexo oposto, não ser agredido psicológica, emocional, física ou sexualmente.

A PREOCUPAÇÃO DA APAV COM TODOS OS TIPOS DE VIOLÊNCIA

Para a maioria das pessoas namoro significa paixão, amor, romantismo, período de ajustamento, sexo e apoio mútuo entre muitas outras coisas, mas na verdade, esta relação entre duas pessoas infelizmente, também comporta em determinados casos alguma violência.

Natália Cardoso explicou múltiplas formas de como este tipo de com-



Ana Madeira Antunes e Natália Cardoso

portamento se verifica entre os casais, nomeadamente, através da violação de privacidade, algo que é usual e sintomático, considerando os próprios intervenientes muitas das vezes que este tipo de atitude é normal.

Natália Cardoso considera que é fundamental cortar com esta ideia, alertando para outra problemática que poderá trazer muitos problemas no futuro e que se prende com a possibilidade de muitos filhos serem os agressores dos próprios pais.

As consequências físicas para a vítima também existem nomeadamente, verificando-se muitas vezes uma escalada de violência até ao casamento ou em relações maritais.

Natália Cardoso também apresentou algumas histórias baseadas em dados de vida reais para os alunos melhor compreenderem o que está em

causa e dessa forma não enveredarem por situações semelhantes. O importante é evitar que isso aconteça com os jovens prejudicando assim os seus próprios estilos de vida. A violência não é uma inevitabilidade sendo necessários que todos ajustemos comportamentos para que isso não se verifique em qualquer tipo de relação.

O uso do poder de uma forma abusiva é também uma forma de violência. Natália Cardoso considerou que é possível trabalhar este problema na sua generalidade para assim conseguir diminuí-la. "Da mesma forma que é possível aprender matemática, línguas, desportos ou outras atividades, também se podem adquirir competências para ter comportamentos não violentos". Esta responsável afirmou que há vários programas internacionais para adquirir competênci-

as relacionadas com a não violência, "mas infelizmente não temos grandes exemplos destes acontecer em Portugal. Há estratégias para resolver conflitos através da negociação que permitem alcançar uma solução sem ser com a violência".

Esta também pode ser online, qualquer tipo de agressão, assédio, comportamento de intimidação e perseguição feito através do uso das novas tecnologias. Este é um meio que pode incluir gozar com determinada pessoa, partilhar informação sobre outra que não corresponda à verdade. Os jovens devem estar precavidos para potenciais casos de mentiras que possam surgir através da internet, fazendo comentários insultuosos sobre outra pessoa ou ameaças.

ARMÉNIO PEREIRA



Alunos encheram o auditório da escola



Escola Secundária de Molelos

SESSÃO DE INFORMAÇÃO SOBRE VIOLÊNCIA NO NAMORO



OAP victims

A shocking study has revealed that 12.3% of Portugal's elderly can end up victims of violence on the part of either relatives, 'friends' or neighbours. Numbers released by APAV (association for victim support) translate into 123 out of every 1,000 people over the age of 60 being vulnerable. The study resulted from three years of research and was presented in Porto during a conference on domestic violence.

Hino da APAV

Rodrigo Guedes de Carvalho é o autor de "Cansada", a canção que serve agora de hino à Associação de Apoio à Vítima (APAV), que ajuda mulheres vítimas de violência, e à qual dão voz Aldina Duarte, Rita Red Shoes, Gisela João, Ana Bacalhau, Marta Hugon, Cuca Roseta, Selma Uamusse e Manuela Azevedo.





RIBEIRA DE PENA

Seminário Violência no Namoro

No dia 19 de fevereiro, decorreu, no Auditório Municipal de Ribeira de Pena, um Seminário sobre violência no namoro intitulado "Namoro Im'perfeito", direcionado para os alunos do secundário, do Agrupamento de Escolas de Ribeira de Pena.



O Seminário teve início pelas 9h30 com a intervenção do Presidente da Câmara Municipal, Rui Vaz Alves e da Presidente da Direção da ADRIPOIO, Maria Helena Rodrigues.

Posteriormente debateram-se os temas "violência no namoro. As perspetivas de jovens futuros médicos e da intervenção forense" com a Dra. Teresa Magalhães do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses e Facul-

dade de Medicina do Porto e das oradoras Filipa Pereira e Joana Carvalho da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima de Vila Real.

Pelas 11h foi servido um lanche a todos os participantes e convidados.

Depois do intervalo, foi retomado o seminário com o tema "Violência no namoro? Comigo não... (ou sim?) com Ana Isabel Dias e Ana Luísa Martins do Centro Social de Abadim em Cabeceiras de

Basto.

Seguidamente foi apresentado pela Dra. Carla Oliveira e pela Dra. **Manuela Silva do Conselho e Direção Nacional do Movimento Democrático de Mulheres, "UNLOVE"**, um jogo de sensibilização para vivências íntimas equilibradas.

Durante a abordagem das várias temáticas, foram apresentados alguns vídeos interativos e elucidativos ao tema violência no namoro.

Esta foi uma iniciativa do CLDS+ Sol Nascente em parceria com a Câmara Municipal, cujo objetivo visou dotar os participantes de conhecimentos sobre as formas que a violência pode assumir e que muitas vezes passam despercebidas.

No fim de seminário foram distribuídos a todos os participantes um jogo "Quanto Queres?" e uma pulseira alusiva ao tema da violência no namoro.





não mata

Cláudia viu a mãe ser assassinada pelo marido, depois a irmã espancada. Paula continua sem saber como aguentou 22 anos de maus tratos. Idalina matou para não ser morta. Pedro e Diana vivem com as mães numa casa de abrigo. No ano passado morreram 43 mulheres, 2015 já conta quatro mortes. Retratos de terrorismo íntimo

TEXTO ANA SOFIA FONSECA



s bicicletas arranhavam as paredes do prédio. Do terceiro andar ao asfalto, apertadas entre as escadas e os sorrisos de mãe e filha. Maria da Luz era mulher de muitas vidas, sempre o retrato aperaltado, o sonho alto. Trabalhava horas sem fim, semanas sem descanso — costura, limpezas e o mais que aparecia. Cláudia Rosário, a filha mais nova, encontrava o Norte no seu olhar. Vezes sem conta, as duas a pedalarem Fundão adjacente; volta e meia, a descenderem até Lisboa, olhos embevecidos nas modas da capital. Mas a vida tinha os dias contados. De repente, o mundo numa faca.

Abril de 2004, neve derretida na serra da Estrela. Maria da Luz casara há exatamente três meses. Na véspera, o marido, mais ciúmes do que razão, trancara-se na exígua arrecadação da churrasqueira que ela há pouco se aventurara a explorar. O dia inteiro sem água nem pão, tão-pouco espaço para endireitar o pensamento. O dia inteiro de ouvido preso à voz da mulher. O empresário da construção civil tinha ideias feitas, mulher dele não podia sorrir a mais ninguém, menos ainda esbanjar verbo. Ou bem que largava o trabalho ou mal a vida andava. Ao cair da noite, saltou dos arrumos, o olhar mais faiscante do que a aliança nova. A discussão alarmou Maria da Luz. Assustada, correu até à casa dos amigos onde a filha pediria para dormir.

A última manhã são passos amedrontados nas ruas do Fundão. Mãe e filha de mãos entrelaçadas: “Oh, mãe, não vamos...” E a mulher: “Vai correr tudo bem, vai ficar tudo bem, Claudinha.” Tem contas para pagar, precisa de pôr os frangos no lume. Minutos depois, ainda as brasas a atear e o homem à porta. Ontem é hoje. Como esquecer aquela voz: “Senta-te aqui!”? E a mãe a responder: “Não achas que já falámos o suficiente?” Ele implacável: “Senta-te aqui!” Ela a sentar-se, ele a abrir o casaco. E, de repente, as facas a saltarem do bolso. Ele imparável, uma facada e logo outra, a mulher a resistir, a filha também. O sangue no chão, e a miúda num grito: “Socorro!” Às ordens do pânico, arremessa cinzeiros e o mais que encontra: “Mas não consegui, não consegui

pará-lo...” A vida da mãe a tombar no ladrilho. Ainda hoje, as palavras do homem: “Sai daqui, isto não é nada contigo.” Mas era: “Um bocado de mim morreu ali, nunca mais serei a mesma.” Tinha 12 anos.

Naquele dia, a mãe entrou na estatística da violência doméstica, uma das 40 mulheres mortas em 2004. Nascido nesse ano, o Observatório das Mulheres Assassinadas da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) regista o número de homicídios com base em notícias de jornal. O calendário passado contou 43 vítimas, este soma já quatro mortes. Elisabete Brasil, diretora executiva para a Violência de Género, conhece cada cruz: “Ao contrário do que parece ser a tendência do homicídio na generalidade, há uma constância no número de homicídios na conjugalidade, e isso é muito preocupante.” Os dados do último Relatório Anual de Monitorização da Violência Doméstica do Ministério da Administração Interna apagam dúvidas — 85% das vítimas são mulheres. Mais: 80,5% dos crimes acontecem em casa. Uma certeza acompanha a responsável da UMAR: “Ninguém mata por amor.”

Inverno de 2015, neve a renascer na serra da Estrela. Cláudia acabou de fazer 23 anos, aperta o frio num casaco encarnado, os óculos ansiosos. Quanto daria para ouvir de novo “Claudinha”? Cada passo no Fundão é uma caminhada na memória. Aquieta-se em frente à churrasqueira, outro nome, outros donos. O mesmo cheiro a frango assado. No pensamento, a mãe “numa poça de sangue”. Horas depois, no hospital, havia de dar conta de um enfermeiro a coser-lhe a perna — levaria uma facada e nem notara. Uma dor maior rasgava-lhe a alma: “Mãe, não me deixes...” Naquelas horas, a revolta a tomar o lugar da infância. Carrega anos de pensamento doído, interrogações e mais interrogações: “Gritei, implorei, e não houve ninguém que me ajudasse! A indiferença dos vizinhos é chocante...” Ganha coragem, um suspiro, e o casaco encarnado a aproximar-se do estabelecimento. Foi a principal testemunha de acusação, duas vezes obrigada a falar em tribunal: “Tive de testemunhar como se fosse um adulto, com o homem que matou a minha mãe atrás das costas.” O homicida foi condenado a 22 anos de prisão, falta saber quanto cumprirá: “Dou por mim a olhar por cima do ombro. E se ele aparece?” Os pés cruzam a porta da churrasqueira. Lá dentro, as paredes de outra cor. “Não se deve alimentar um ódio destes, mas é impossível um ódio destes não alimentar a tua vida.”

De impossíveis, Cláudia aprendeu tudo no dia em que a mãe foi morta. Quem poderia acreditar que o pesadelo estava apenas no começo? Naquela mesma noite, ficou entregue aos cuidados da irmã mais velha, 26 anos e duas filhas pequenas. “Quando pensava que ia repousar as ideias, chego a uma casa onde percebo que a minha irmã é igualmente vítima de violência doméstica.” Respira fundo, água para serenar os nervos. Está sentada num hotel do Fundão, o presente refém do passado. “O que me perturba é que fui entregue

à minha irmã, que me deu muito amor, mas ninguém foi ver se aquela família tinha condições para acolher uma criança.” As mãos num desassossego, a voz a falhar: “Ninguém sabe o que acontece aos filhos das vítimas.” A memória leva-a de volta à pequena aldeia do concelho de Pampilhosa da Serra. As agressões sem sossego, a irmã sem caminho: “Todas as noites, adormecia a pensar que a minha irmã não podia acabar como a minha mãe.”

Entre a coragem e o desespero, fugir faz-se pensamento. Tenta o apoio de uma professora, de uma psicóloga da escola, mas não há quem lhe valha. Um dia, num cartaz, descobre a APAV. Apon-ta o número de telefone, arrisca chamada. Do outro lado, uma voz desfia esperança. Semanas depois, recebe um telefonema — há quatro vagas numa casa de abrigo. A irmã tranca-se no choro, mudar de pele é passo de gigante. Uma noite passada, acorda decidida, é agora ou nunca. Cláudia confessa-se à sobrinha mais velha, 10 anos feitos a salvar a mãe. Pela janela, atira um punhado de roupa que a miúda leva de bicicleta até uma árvore longe de casa. No dia da fuga, dois amigos à saída da aldeia. O mais velho soma 18 anos, carta de condução tirada de fresco. A trouxa lançada para a bagageira e o acelerador ensandecido. Cláudia é um grito, “acelera, acelera”, a irmã numa lágrima, curvas de medo.

Nessa noite, uma mulher, uma adolescente e duas crianças dão entrada na casa de abrigo da APAV. Numa nova vida. Cláudia cumpre o sonho da mãe, entrega-se aos estudos, licenciatura em Relações Internacionais, mestrado em Comunicação Social: “Tento ter uma vida normal, mas é impossível esquecer... Durante anos, não toquei em facas... É muito difícil confiar nas pessoas.” Um dia, há de dar vida a uma associação, ajudar crianças como ela.

PODER E CONTROLO

Terrorismo íntimo. Paula, nome fictício, nunca imaginou vivê-lo na pele. Como é que ela poderia ser vítima? Logo ela, licenciada e com trabalho num hospital de Lisboa? Esta manhã, *tailleur* e cabelo arrumado, respira lamentos: “Fui vítima de coação psicológica e física no meu lar... No meu lar... Sabe o que isso significa?” Soma 49 anos, mais perguntas do que respostas: “Não entendo como é que fiquei 22 anos sob este jugo, como é que me deixei ficar, como é que me deixei chegar a este ponto, como é que arrastei os meus filhos nesta inércia...” Como é que pertence aos 9% de vítimas que têm estudos superiores? Afasta o cabelo do rosto, as cortinas da janela: “É um crime transversal a todas as classes sociais, ninguém está livre.” Senta-se, toca o telefone, levanta-se, desliga: “Como é que até no trabalho cheguei a ter problemas? Não me conseguia concentrar nem raciocinar.” Passa a vida a pente fino, mal se reconhece na mulher que abandonou há cerca de um ano. Perdeu 20 quilos, ganhou autoestima, sorriso. “Recuperei-me.”

O namoro foram flores e juras, o casamento



SOBREVIVER AO TRAUMA

Cláudia Rosário tem 23 anos e uma longa história de violência doméstica. A mãe foi assassinada à sua frente quando tinha 12 anos. É entregue à irmã mais velha e descobre que ela é vítima de maus tratos. Lutar contra este crime é o seu caminho

ANTÓNIO PEDRO FERREIRA

decalcado dos sonhos de menina. Cabia-lhes a sorte das grandes cumplicidades, olhar no lugar de palavras. A felicidade durou até ao dia em que Paula anunciou estar grávida de uma menina. Naquele instante, o marido começou a desprezá-la. Seguiram-se duas décadas de maus tratos. Aos poucos, a violência psicológica levou a melhor e Paula rendeu-se aos desmandos do marido. Esqueceu o retrato, a roupa descuidada. "Tens de ser gorda e feia", teimava ele. Porque ele não permitia, nunca conduziu, apesar de ter carta e carro à porta. Porque ele não queria, nunca teve cartão multibanco na carteira, "e chegava a ganhar 10 ou 15 ordenados mínimos por mês, entre hospital e clínicas privadas". Sem saber, engrossava a estatística — 78% das vítimas que apresentaram queixa em 2013 não dependiam economicamente do denunciado. Porque ele achava bem, deixou as filhas à sua sorte: "Tentava não ver que o pai lhes infligia maus tratos graves, sobretudo psicológicos. Pensava que o meu amor chegava."

Lá fora, o vento frio apressa os passos. Cá dentro, conforto de aquecedor a óleo: "Enredou-me numa dependência total e eu deixei..." Cristina Soeiro, psicóloga da Polícia Judiciária, reconhece o cenário: "A violência tem a ver com a forma como os agressores veem as relações, há sempre poder e controlo." Marta Silva, coordenadora do Núcleo de Violência Doméstica da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG), põe o dedo na ferida: "Temos um bom corpo de

"Dou por mim a olhar por cima do ombro. E se ele aparece? [...] Não se deve alimentar um ódio destes, mas é impossível um ódio destes não alimentar a tua vida"

leis, um sistema de apoio razoável, essencialmente, falta mudar mentalidades." Foi preciso esperar pelo 25 de Abril para a lei apagar a expressão "chefe de família"; o divórcio tornar-se direito universal; o homicídio cometido pelo marido em caso de traição deixar de ter atenuantes. Os últimos anos apressaram mudanças, mas o caminho é ainda longo.

A manhã envelhece sombria. Paula caminha pela sala, passos pesados de arrependimento, o diário dos últimos anos nas portas. Amolgadas, esmurradas, batidas. Quantas vezes a atirou de encontro às ombreiras? "Dizia que era assim que se batia e não com bofetadas, para as nódoas negras só aparecerem dias depois." Vive num prédio de classe média, nunca nenhum vizinho chamou a polícia ou tocou à campainha: "Como é possível?" A coordenadora da CIG traz a resposta estudada: "Violência doméstica é crime público, todos devemos denunciar, mas são as vítimas quem mais chamam as autoridades, porque os terceiros têm receio do agressor ou, simplesmente, porque ainda vinga a ideia de que entre marido e mulher ninguém mete a colher." Paula empurra a porta da sala, as memórias atropelam-se. Aquela noite em que ele levantou a faca do prato para a filha: "Fodo-te a vida!" E logo o filho pequeno a apon-tar a faca de menino: "Pai, também te posso foder a vida?" Crava os olhos na mesa de jantar: "Como é que eu aguentei isto?" Aguentou até a voz das filhas ecoar dia e noite nos seus ouvidos: "Mãe,

acorda!" Até ele a tentar matar com um cinto ao pescoço.

Troca a sala pela cozinha, a porta abatida, a máquina de café sem cápsulas. Sobram-lhe dívidas do marido para pagar. Bebe água, "é difícil falar". Pousa o copo, a culpa. Os olhos viajam pelo corredor. Tudo o que tinha investiu naquelas paredes. "Tive de assumir que falhei em tudo, que o casamento falhou, que os filhos foram prejudicados... E isso é muito difícil. Durante anos, vivi em negação. Esta casa foi a minha gaiola dourada." Agora, a casa à venda, os dias a despertarem: "Perdi 20 anos da minha vida, não posso perder mais nenhum. Tive a sorte de sobreviver ao meu marido."

MATAR PARA SE SALVAR

A agulha da velha Singer sem descanso, linha branca em negras lembranças. "Eu matei para não ser morta." A pantufa incansável no pedal, meias de lã grossa a cobrirem os joelhos, bata apertada, lenço preto a esconder melenas esbranquiçadas. Idalina Carvalho soma 82 anos, traz a vida na enxada, ora a azeitona ora a vindima. Mais nova de cinco irmãos, nunca conheceu os bancos da escola, a alegria de saber ler o que diz a televisão. Viu a pensar que morria, à espera do dia em que o marido havia de cumprir a promessa, encher-lhe o peito de chumbo: "Dizia que me matava a mim e aos filhos... Sabe lá o que é dormir com a arma e o machado ao lado..." Sacode a cabeça, os fantasmas: "Não foi como ele queria..." Do campo, sementeiras lá para as bandas de Palmela, só saiu naquele dia malfadado. A casa que a viu nascer a vê-la matar. Tinha 68 anos.

Sábado, agosto de 2000. Idalina levanta-se com o sol, labuta não falta e ela é de poucas queixas. Água e comida na capoeira, roupa estendida. Senta-se à máquina, a agulha a amanhar uma saia. A vida nunca lhe deu mordomias, costura a própria roupa desde miúda, trapos para a jorna e fatiota de domingo. Só o vestido de noiva veio dos alfinetes de uma modista, moça conhecida no Pinhal Novo. Os primeiros tempos de casada foram uma bênção, mas depressa o romance azeudou. O homem era "bruto", sempre a palavra dura e a mão pesada. Depois vieram os filhos "e ele pior... começou a beber, foi ficando velho e mais ruim". Segundo o relatório do MAI, 41% das queixas de violência doméstica surgem associadas ao consumo de álcool. A mulher respira fundo, olhar enlutado: "Chamava-me puta, a mim, que nunca conheci outro homem... Para o fim, era puta reles. Aquilo magoava-me tanto..." Mas divórcio era ideia que não cabia nas suas.

Naquele dia quente de agosto, o destino traçou. Os filhos convidaram-nos para almoçar, mas "o homem estava avariado". Ficaram em casa, Idalina de olhos crentes no móvel da sala, morada da Senhora de Fátima. Do velho amor, só mágoa e medo. Recorda cada instante, a história colada às paredes. Uma cortina às flores separa a sala do quarto. Tudo aconteceu ali, a vida de "pancada", o crime. Pôs o almoço na mesa e refugiou-se na cama, a ver se o marido serenava, mas o homem queria guerra. "Entrou no quarto e deu-me um puxão nos pés que ia pregando comigo ao chão."

Ela manda-o embora, ele abraça a caçadeira, passos decididos até à sala, os cartuchos ameaçadores. Idalina está longe de si mesma, pensamento é medo. Agarra o machado e segue-o. Não vê, não ouve, sentidos em pânico. Uma machadada na cabeça e o homem no chão, em cima do machado. Ele a tentar reagir e ela a deitar mão a outro machado: "Tinha medo, dei-lhe até me fartar. Estava avariada..."

Num instante, outro mundo. Ele a caminho da morgue e ela da prisão. Cumpriu 15 meses no Estabelecimento Prisional de Tires, sempre atrás das grades, mal pisou o recreio: "Era muita barafunda." Ajeita o lenço negro, a telefonia na Rádio Amália. De novo, os acordes da prisão: "Pode lá haver gente ruim, mas também há boa. As guardas foram impecáveis." A voz de Amália Rodrigues enche a sala: "Neste tom magoado/ De dor e de pranto/ E neste tormento." Senta-se num cadeirão. Atrás, numa velha moldura, o sorriso dos 20 anos a preto e branco. "Foi Deus/ Que me pôs no peito/ Um rosário de penas/ Que vou desfilando." Arrepende-se? "Não, nunca me arrependi, salvei-me a mim e aos meus filhos."

SARAR DA DOR

O cair da noite desperta a casa de abrigo da APAV. Chegam as crianças da escola, as mães do

Agarra o machado e segue-o. Não vê, não ouve, sentidos em pânico. Uma machadada na cabeça e o homem no chão. "Nunca me arrependi, salvei-me a mim e aos meus filhos"

trabalho. A comida ao lume, pratos e talheres a caminho da mesa. A televisão nas séries americanas, uma miúda a braços com os deveres da escola, um bebé num pranto, outro a ensaiar os primeiros passos, "atirei o pau ao gato-to-to". Quase hora de jantar e a sala inquieta, 10 mulheres e 14 miúdos na rotina do ruído. Daniel Cotrim, assessor técnico da APAV, deita contas: "Geralmente, temos mais crianças do que mulheres, porque as mães nunca deixam os filhos." Pedro, 9 anos cumpridos e nome fictício, aparece a correr: "Doutora, doutora!" Chegou há dois anos, sabe bem onde encontrar ajuda para os problemas de Matemática. No gabinete dos técnicos, mais três crianças inventam penteados e desenhos. "Vim para cá porque o meu pai fazia mal à minha mãe e a mim." No mesmo segundo, outra história: "Não era bem fazer mal, vinha de madrugada e eu estava sempre a acordar e tinha de ir para a escola e ficava com sono." Há verdades que ninguém quer suas. Corre para o quarto, colcha colorida, livros da escola. O discurso na idade da inocência: "Violência doméstica é atirar com comandos da televisão à cara, aleijarem-se com as chaves."

No primeiro andar, uma miúda perde-se no "être" e no "avoir". Teste de Francês no dia seguinte e a lição por estudar. Chamar-lhe-emos Diana, tem 15 anos, partilha quarto com a mãe e os dois irmãos mais novos. Tudo o que quer "é ser uma adolescente normal". Na escola, ninguém imagina a sua história, é perita em esconder quanto a vida era um "inferno". Cresceu a ver o pai espancar a mãe, faltam-lhe dedos para contar dias como aquele em que lhe "rachou a cabeça com um prato porque o jantar estava frio". Suspira, ansiedade nos dedos suados: "Eu ficava a ver, cheia de medo. Era só uma criança, não podia fazer nada." Apenas esconder os irmãos num quarto, "para não verem o mesmo". Acomoda-se na cama, pés descalços, livros nas pernas cruzadas. Os irmãos "à pancada", o rapaz a bater, a desfazer-se em desculpas e a bater de novo. A miúda a chorar. Diana leva o olhar à janela: "As crianças que veem o pai bater na mãe não são iguais às que têm pais normais."

Lá em baixo, na sala, cheiro de comida no ponto. Pratos de gente grande, pratos de plástico, biberões. Esta é uma das 37 casas de abrigo do país, 639 vagas para vítimas de violência doméstica e filhos. Daniel Cotrim dispara o alerta: "Não há legislação específica para as crianças, o apoio depende da sensibilidade e bom senso de cada instituição." Na cozinha, uma mulher refoga tristezas: "Eles é que cometem o crime e nós, as vítimas, é que temos de sair de casa." Uma voz tempera a salada: "Veja lá se algum fica preso..." As palavras filhas dos números — 92% das sentenças de prisão são penas suspensas. Inês, nome fictício, irrompe na cozinha, fome e deveres prontos. Fez 8 anos, pinta o futuro de cor de rosa: "Quero ser doutora de crianças." E quer casar? Uma lágrima no espaço das palavras. Enrola o cabelo, a frase trémula: "Não, porque senão vou ficar muitos dias no hospital." Rodopia sobre si própria, uma sombra no corredor. A vida, um passo de cada vez. ●



“De mãos dadas com o medo” hoje em colóquio

VIOLÊNCIA Hoje, pelas 15h30, mulheres e homens são bem-vindos ao Auditório Municipal onde, com entrada livre, se realizará um colóquio-debate alusivo ao Dia Internacional da Mulher, que hoje se comemora.

Organizado por uma comissão de mulheres que inclui a deputada municipal Silvina Queirós, a iniciativa, intitulada “De mãos dadas com o medo”, elegeu a violência sobre as mulheres como tema, numa altura em que se crescem as denún-

cias e os casos com desfecho trágico. Em 2014, houve em Portugal 40 mulheres mortas às mãos dos seus actuais ou ex-companheiros. Segundo o Observatório de Mulheres Assassinas da UMAR, desde 2012, 122 crianças ficaram órfãos de mãe na sequência deste crime. Já a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) divulgou que mais de 90 mil vítimas de violência doméstica recorreram aos seus serviços nos últimos 14 anos.◄



Cantoras unidas contra a violência doméstica

● As cantoras portuguesas Aldina Duarte, Ana Bacalhau (Deolinda), Cucha Roseta, Gisela João, Manuela Azevedo (Clá), Marta Hugon, Rita Redshoes e Selma Uamusse emprestam as suas vozes ao tema *Cansada*. O videoclipe foi lançado a propósito da comemoração dos 25 anos da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e serve para despertar consciências para o problema da violência doméstica, um flagelo da sociedade portuguesa que, a cada ano, resulta num número cada vez maior de mortes. O jornalista da SIC Rodrigo Guedes de Carvalho é o autor da letra e da música desta canção de cariz solidário.



Palestra sobre violência no namoro na Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro

| Carolina Neves |



Gustavo Duarte, psicólogo e técnico da APAV de Santarém, abordou esta temática

Uma palestra sobre violência no namoro dinamizada pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) teve lugar no passado dia 20 na Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro, nas Caldas da Rainha, numa organização da professora Sílvia Sousa, coordenadora do PES, Promoção e Educação em Saúde.

A iniciativa tinha como público-alvo cerca de cem alunos do 8º ano daquele estabelecimento de ensino e da escola de Santa Catarina, mas como houve greve do pessoal não docente apenas metade dos estudantes (os de Santa Catarina) compareceu.

Este evento, com o intuito de sensibilizar os alunos, teve

a participação de Gustavo Duarte, psicólogo e técnico da APAV de Santarém, que abordou esta temática.

"A maioria dos adolescentes tem relacionamentos amorosos saudáveis, porém, existem situações não saudáveis em que um dos parceiros controla o outro, podendo esta ação dar lugar à violência. Esta violência



Público-alvo foram alunos do 8º ano

pode não ser física, pode ser verbal, sexual, psicológica ou social", indicou.

Gustavo Duarte informou que a violência no namoro foi incluída há um ano no crime de violência doméstica, sendo este um crime público. "A violência no namoro pode ser pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros ou mesmo ambos", sublinhou.

Alertou, ainda, para as consequências que advêm desta violência para a vítima, referindo algumas estratégias para as vítimas se protegem dos agressores.

A APAV tem quinze gabinetes tanto em Portugal continental como nos Açores. Esta associação trata de diversas temáticas, presta apoio a todas as vítimas de crime, bem

como os seus familiares e amigos. Este apoio pode ser prestado através de e-mail, telefone ou presencialmente. Possui, igualmente, apoio jurídico e psicológico para todas as vítimas.

O Gabinete de apoio à Vítima de Santarém pode ser contactado pelo tel. 243356505.



Dia dos namorados em Vieira com Júlio Vaz

Para comemorar o Dia dos Namorados, a Câmara Municipal de Vieira do Minho, em parceria com o Agrupamento de Escolas Vieira de Araújo, organizou na véspera, uma sessão com o objectivo de sensibilizar os alunos para a importância dos afectos e prevenção da violência durante o namoro.

A atividade realizou-se no Auditório Municipal de Vieira do Minho e contou com a presença de António Cardoso, presidente da edilidade local e da vereadora da Educação, Elsa Ribeiro, das Técnicas da APAV Ana Vilela e Filipa Melo, do Cabo Mota da Escola Segura e da coordenadora da Educação para a Saúde do Agrupamento de Escolas Vieira de Araújo, Ana Cunha.



Na sessão de abertura, António Cardoso agradeceu a todos que tornaram possível "este momento de partilha de afetos" sublinhando que "os espaços da Câmara Municipal estão sempre à disposição dos alunos e professores para a realização de atividades.

Os participantes assistiram depois à sessão de esclarecimento, realizada pela Associação de Apoio à Vítima. As técnicas apresentaram um breve historial da Associação que conta 25 anos de existência para de seguida falarem sobre a promoção da igualdade de género e cidadania na escola e ainda da violência no namoro. Aconselharam os presentes a denunciar esta situação, no caso de serem vítimas ou conhecerem alguém que sofra de violência doméstica. Em caso de agressão, as técnicas da APAV, explicaram também como proceder salientando que a APAV dispõe de um site específico para denunciar este tipo de violência apav.braga@apav.pt, e de uma linha de apoio à vítima 707 20 00 77. Finda esta apresentação, assistiu-se também à apresentação do Cabo Mota em representação da Escola Segura. Na sua apresentação foi abordada a violência doméstica bem como os vários tipos de crime e sua punição, como por exemplo: Difamação, Injúria, Violação, Coação sexual, etc.

Nesta sessão, o Cabo Mota deixou bem claro que "a violência é um crime punido por lei" e "que nada justifica o ato de violência". Nesta sessão teve, ainda lugar a apresentação de vários vídeos dos alunos do Agrupamento de Escolas Vieira de Araújo sobre a temática "Educação para a Saúde". Da jornada constou ainda "a conversa entre vieirenses" onde Júlio Machado Vaz respondeu a um conjunto de questões que lhe foram enviadas previamente pelos alunos da EBS Vieira de Araújo.

**PERSONALIDADES
MASCULINAS
2014**

A LUX VOLTOU A PREMIAR O TALENTO, O PROFISSIONALISMO E A DEDICAÇÃO DOS HOMENS PORTUGUESES. PELO QUARTO ANO CONSECUTIVO, OS LEITORES DA LUX E DO SITE LUX.PT ESCOLHERAM OS VENCEDORES ENTRE 39 CANDIDATOS NOMEADOS POR UM JÚRI INDEPENDENTE E PRESTIGIADO EM 13 CATEGORIAS: MÚSICA, CINEMA, TEATRO, TELEVISÃO (FICÇÃO, ENTRETENIMENTO E INFORMAÇÃO), LITERATURA, ARTES PLÁSTICAS, MODA, DESPORTO, POLÍTICA, NEGÓCIOS E SOLIDARIEDADE.



OS HOMENS QUE SE DISTINGUIRAM EM 2014

Em todas as áreas, há homens que, por talento, profissionalismo ou ambição se destacam e servem de exemplo. Há quem os admire e, em alguns casos, há até quem gostaria de lhes seguir as pisadas. São ímpares na dedicação com que

desenvolvem o seu trabalho, seja ele representar, cantar, marcar golos ou entregar-se de corpo e alma aos que mais precisam de ajuda. Mais uma vez, os leitores da Lux e do site Lux.pt fizeram as suas escolhas e elegeram as personalidades masculinas que se distinguiram em 2014.

No ano em que celebra 50 anos de carreira, **Carlos do Carmo** foi o vencedor na área da Música, levando a melhor sobre os D.A.M.A. e os Xutos & Pontapés. Em 2014, o fadista, de 76 anos, arrecadou vários troféus: foi o primeiro português a receber um Grammy, conquistou o

Lifetime Achievement Award e lançou o documentário "Um Homem no Mundo", de Ivan Dias, que mostra um lado mais pessoal e até familiar da sua vida. Apesar dos seus 24 anos e de estar a concorrer em Cinema com dois pesos pesados da Sétima Arte portuguesa (António-Pedro



Carlos do Carmo (à esquerda) venceu na categoria Música, no ano em que celebrou 50 anos de carreira e recebeu um Grammy. Aos 24 anos, João Jesus (em cima) ganhou a categoria Cinema, pela sua interpretação no filme "Os Gatos Não Têm Vertigens". Filipe La Féria (à direita) sagrou-se vencedor na categoria Teatro, devido ao sucesso das peças "Portugal à Gargalhada" e "O Príncipezinho"

Vasconcelos e João Botelho), **João Jesus** convenceu os leitores, sobretudo com a sua interpretação no filme "Os Gatos Não Têm Vertigens", no qual revelou o seu talento e o motivo por que é considerado uma promessa da ficção nacional. Em Teatro, **Filipe La Féria** destacou-se entre os

três nomeados na categoria. O encenador e produtor que há vários anos enche salas de espetáculos, sobretudo o Politeama, a sua 'casa' principal, ficou à frente de João Brites e de José Pedro Gomes. "Portugal à Gargalhada" e o espetáculo infantil "O Príncipezinho" foram as peças que marcaram o





Em 2014, Miguel Guilherme (à esquerda) participou no projeto "Melhor do que Falecer", na TVI, que lhe valeu o maior número de votos na área Televisão/Ficção. Manuel Luís Goucha (em cima) venceu mais uma vez em Televisão/Entretenimento

ano que passou. Em Televisão/Ficção, o desempenho de **Miguel Guilherme**, que em 2014 participou no projeto "Melhor do que Falecer", ao lado de Ricardo Araújo Pereira, na TVI, pô-lo à frente dos seus concorrentes. O ator, de 56 anos, um dos maiores talentos da representação portuguesa, venceu a categoria, deixando para trás Ivo Canelas, que se destacou em "Os Filhos do Rock", e Paulo Pires, com a sua interpretação na telenovela "Belmonte".

Herman José, que no ano passado voltou à televisão em *day time* com o programa "Há Tarde", na RTP, e João Baião, que regressou à SIC para conduzir vários programas, eram os concorrentes de **Manuel Luís Goucha** na categoria Televisão/Entretenimento. Apesar de todos eles serem grandes nomes da televisão portuguesa, os leitores elegeram o apresentador da TVI como personalidade da área em que é mestre. Aos 60 anos e com mais de 30 de



carreira televisiva, Goucha esteve à frente do programa "Você na TV" e, além disso, apresentou também o primeiro "Masterchef Portugal" e "A Tua Cara Não Me É Estranha Kids". Na categoria Televisão/Informação, coube a **José Alberto Carvalho** ganhar, mais uma vez, a distinção na eleição promovida pela Lux. Considerado pelo júri do concurso o melhor pivot, o jornalista conquistou a liderança da informação para o canal de Queluz de Baixo e conseguiu mantê-la ao longo

de 2014, ano em que a redação da TVI enfrentou episódios particularmente difíceis. Com ele, concorriam Anselmo Crespo, jornalista da SIC, e Paulo Magalhães, cara do programa "Política Mesmo", na TVI24. "O Paraíso São os Outros", o primeiro livro de uma coleção infanto-juvenil, garantiu a **Valter Hugo Mãe** uma posição de destaque na categoria Literatura. Aos 43 anos, o escritor é um dos autores mais aclamados em Portugal, conquistando também leitores fora do País. José Luís

José Alberto Carvalho (em cima) repetiu o feito do ano passado, ao ganhar a categoria Televisão/Informação. Valter Hugo Mãe (à direita) venceu a categoria Literatura, com "O Paraíso São os Outros"





O trabalho de
Alexandre Farto,
ou melhor, Vhils,
marcou 2014.
Por isso, o artista
ganhou na área
de Artes Plásticas.
À direita, Miguel
Vieira, vencedor
na categoria
Moda





Sem surpresas, Cristiano Ronaldo ganhou a categoria Desporto. Em 2014, o futebolista foi eleito Melhor Jogador do Mundo e conquistou a sua terceira Bola de Ouro. Dos três nomeados em Política, Paulo Macedo, ministro da Saúde, foi o que recebeu maior número de votos. Criticado por muitos, o ministro foi, no entanto, aplaudido pelos portugueses pelas medidas aplicadas e pelo cerco às despesas na área da saúde

Peixoto, com o romance "Galveias", e Pedro Chagas Freitas, com "Prometo Falhar", eram os seus rivais. **Alexandre Farto**, mais conhecido pelo pseudónimo Vhils, é um dos nomes do momento, e o seu trabalho marcou 2014, valendo-lhe a nomeação de personalidade na área de Artes Plásticas. Esculpir paredes e transformá-las em obras de arte é a imagem de marca do artista, que tem espalhado o seu dom um pouco por

todo o país e pelo mundo. O convite para criar um *videoclip* para os U2 foi um dos momentos altos da sua carreira. Bateu o fotógrafo Mário Cruz e o arquiteto Miguel Câncio Martins. Na Moda, **Miguel Vieira** destacou-se pela originalidade das suas coleções, apresentadas em 2014. Na corrida pelo título, o criador tinha Fernando Cabral, uma referência no *ranking* internacional de modelos masculinos, e a

dupla StoryTailors, composta por Luís Sanchez e João Branco. Singular e exemplar naquilo que faz, **Cristiano Ronaldo** venceu, sem surpresas, a categoria Desporto. Em 2014, foi eleito Melhor Jogador do Mundo e conquistou a sua terceira Bola de Ouro, marcos que vieram enriquecer uma carreira marcada pelo sucesso. Marcos Freitas, campeão europeu de ténis de mesa, e Vasco Ribeiro, o surfista que conquistou o título

mundial de júniores, não conseguiram bater o sucesso do futebolista madeirense, de 30 anos. O nome do ministro da Saúde, **Paulo Macedo**, foi um dos mais controversos do atual Executivo durante o ano que passou. Criticado por muitos e admirado por outros, o ministro foi responsável pela aplicação de arrojadas medidas no Sistema Nacional de Saúde, mas também pelo apertado controlo da despesa nesta área.



José Agostinho (à esquerda), rosto do projeto Tomi World, foi o mais votado na categoria Negócios. O trabalho de João Lázaro (em baixo) à frente da APAV – Associação de Apoio à Vítima valeu-lhe a vitória na categoria Solidariedade



António Costa e Rui Moreira foram derrotados na votação feita pelos leitores. Na categoria Negócios, **José Agostinho**, o rosto do projeto inovador Tomi World, um sistema patenteado de *outdoors* interativos, foi o mais votado. O empresário disputava a vitória com o chef José Aveliz, o primeiro português a conquistar duas estrelas Michelin, e o designer Luís Onofre, que em 2014 confirmou o seu sucesso na área do calçado *made in Portugal*. Na categoria Solidariedade, os leitores da Lux aplaudiram através dos seus

votos o trabalho de **João Lázaro** à frente da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Inovadora nas campanhas de sensibilização que lançou ao longo de 2014, esta organização sem fins lucrativos tem desempenhado um extraordinário papel no apoio às vítimas de crimes, através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais. Alfredo Figueiredo Costa, da WelcomeHome Tours, e José Joaquim Oliveira, da Make-a-Wish Portugal, também estavam nomeados. ■

texto Nair Coelho (naircoelho@lux.masemba.com)
fotos Artur Lourenço, João Cabral e Ricardo Santos



As vozes das vítimas de violência doméstica

A convite de Rodrigo Guedes de Carvalho, oito cantoras uniram-se para dar voz a "Cansada", o novo hino da APAV, da autoria do *pivot* da SIC. Acompanhadas pela Orquestra Sinfonietta de Lisboa e dirigidas pelo maestro Vasco Pearce de Azevedo, Aldina Duarte, Ana Bacalhau, Cuca Roseta, Gisela João, Manuela Azevedo, Marta Hugon, Rita Redshoes e Selma Uamusse são as cantoras que aceitaram dar voz a todas as mulheres que são vítimas de violência doméstica. Numa altura em que os números de vítimas em Portugal aumentam a cada dia que passa, urge pensar sobre este drama transversal na sociedade. Veja o videoclip no site da APAV, em <http://apav.pt>.





A violência que nos toca a todos e a todas

A ideia de que “entre marido e mulher não se mete a colher” é expressão de uma mentalidade patriarcal que coloca sobre as vítimas, na esmagadora maioria dos casos mulheres, um ónus de resistência a abusos continuamente perpetrados, como se fosse inerência de uma condição feminina suportar atos de violência em nome da preservação da conjugalidade. **A violência doméstica não pode ser atribuída a um descontrolo do agressor, tal como não pode ser considerada relevante apenas em casos de maior violência física, caindo todas as restantes práticas no buraco negro das situações “absolutamente normais na vida de qualquer casal, [e que] têm a ver com a sua intimidade e privacidade”.**

A violência doméstica é um fenómeno de violência que engloba agressões físicas, sexuais, económicas e psicológicas. A minimização de atos ditos “menores”, como uma bofetada ou uma ofensa verbal, desconsidera aquela que é uma das características mais significativas do fenómeno: a sua natureza dinâmica, de escalada de violência, e a contribuição de todos os comportamentos isolados para o domínio, controlo e atemorização da vítima.

A violência, tal como a vitimação, não são condições psicológicas inerentes a ninguém e não são parte da natureza humana. A violência é um fenómeno social que atinge e fere a dignidade, a saúde, a individualidade da vítima.

A autonomização do crime de violência doméstica face ao crime de maus tratos tem implícito o entendimento desta complexidade. E a atribuição ao mesmo de natureza pública é o reconhecimento da perigosidade do fenómeno para o tecido social e da incapacidade de as vítimas sozinhas se afastarem de um contexto abusivo que ocorre dentro de relações próximas das quais é difícil de desvincular.

O dever que recai sobre todos e todas nós é um dever cívico, de respeito pelos direitos humanos destas vítimas. Aceitamos hoje o dever estatal de proteger os seus cidadãos e cidadãs de ofensas à sua individualidade por terceiros, e aceitamos também que estes problemas nos afetam a todos e a todas, e não apenas às suas vítimas diretas esquecidas entre as paredes que as sufocam.

Nenhuma correlação comprovada existe entre índice de mortalidade por violência doméstica e a autonomização deste crime, quando muito há hoje em dia uma melhor identificação das mortes ocorridas nesse contexto.

Muitas vezes são os “segredos cominhos” que motivam os atos mais bárbaros. E é na sua sequência que sabemos hoje que só em 2014 foram assassinadas 43 mulheres e que já em 2015 morreram 7 mulheres vítimas de violência doméstica.



GOLPE DE VISTA



"CONTRA A VIOLÊNCIA SOBRE A MULHER, METE A COLHER!"

(campanha da OLHO VIVO Viseu pela TOLERÂNCIA ZERO
CONTRA O ASSÉDIO SEXUAL e todas as formas de violência de género)

Neste 8 de Março, Dia Internacional da Mulher, o Núcleo de Viseu da OLHO VIVO, enquanto associação de defesa dos Direitos Humanos, lança a campanha "CONTRA A VIOLÊNCIA SOBRE A MULHER, METE A COLHER!" de sensibilização da sociedade contra todas as formas de violência sobre a mulher, desde a violência doméstica, que já é crime público, até ao assédio sexual, reclamando TOLERÂNCIA ZERO AO ASSÉDIO SEXUAL!, associando-se, assim, a todas as organizações feministas e partidos que defendem a "criminalização do assédio sexual" em Portugal, porquanto este tipo de violência sobre as mulheres, sendo considerado menos grave do que a violência conjugal, a violência no namoro ou a violência após uma separação (que no ano passado levou ao assassinato de 42 mulheres) não deixa de ser a outra face do mesmo tipo de mentalidade machista que trata a mulher como propriedade do homem e mero objecto sexual.

O assédio sexual está tipificado como crime autónomo em países como o Brasil, Espanha ou França. Se bem que o assédio sexual no local de trabalho esteja, no nosso país, contemplado no Código de Trabalho, com sanção contra-ordenacional, é entendimento de feministas e associações, como a UMAR e a APAV, entre outras, que esta previsão é insuficiente para a dimensão e gravidade destes comportamentos.

O assédio sexual é uma forma de coerção, tantas vezes exercida por alguém em posição hierárquica superior à das vítimas, maioritariamente mulheres. Constituído por palavras ou actos de natureza sexual, indesejados e ofensivos para as pessoas que dos mesmos são alvo, os mesmos ocorrem em múltiplos espaços (das ruas, escolas, universidades, transportes públicos aos locais de trabalho) e atingem sobretudo



**ASSÉDIO SEXUAL
É VIOLÊNCIA!**

ASSÉDIO SEXUAL.
"Comportamento indesejado de carácter sexual, sob forma verbal, não verbal ou física, com o intuito ou o efeito de violar a dignidade de uma pessoa, em particular quando cria um ambiente intimidante, hostil, degradante, humilhante ou ofensivo"
Convenção de Istambul

Em Portugal, 1 em 3 mulheres foi vítima de assédio sexual no trabalho

DIREITO AO TRABALHO COM DIGNIDADE!

JUNTE-SE A NÓS PARA MUDAR A LEI!

<http://assediosexual.umarfeminismos.org/>

raparigas e mulheres, podendo também ter por alvo grupos de homens mais vulneráveis, como jovens, homossexuais, minorias étnicas.

As jovens adolescentes são das maiores vítimas e o facto de desde muito cedo se confrontarem com estes comportamentos e com a tolerância da sociedade para com eles, faz com que sintam, muitas vezes, que se trata de atitudes normais. Não são normais! E não se deve confundir o assédio sexual com sedução, nem o piropo soez com elogio. A fronteira é nítida e passa pela falta de educação, pela humilhação da mulher, pelo desrespeito da sua dignidade, pela insistência ignorando sinais de desagrado. Trata-se efectivamente de "um problema de direitos humanos das mulheres" (Maria José Magalhães), pelo que a sociedade terá que acabar com a impunidade rei-

nante.

A UMAR considera que "a tipificação do assédio sexual como crime produz efeitos dissuasores, uma vez que é transmitida uma mensagem clara de que este comportamento é inaceitável e punido, tendo em vista a protecção da dignidade e liberdade da pessoa humana." No mesmo sentido, a APAV, reconhecendo a dignidade penal deste crime, sublinha: "persiste uma cultura de 'normalização' destas condutas que a não criminalização pode ajudar a perpetuar".

A jurista Clara Sottomayor considera que estas condutas violam direitos à liberdade humana, ao livre desenvolvimento da personalidade e mesmo à livre circulação.

O Bloco de Esquerda elaborou em 2014 um projecto de lei que classifica como crime o assédio sexual (incluindo o assédio

verbal) e outra para a chamada perseguição ("stalking"). Os partidos da maioria e o PS apresentaram então também propostas para criminalizar o "stalking" e o casamento forçado.

Discutido no plenário, o projecto do BE baixou sem votação e está a ser trabalhado na especialidade, no Grupo de Trabalho sobre as Implicações Legislativas à Convenção de Istambul (convenção do Conselho da Europa para prevenção e combate à violência contra as mulheres e violência doméstica).

Entretanto, a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) está a lançar uma "iniciativa legislativa cidadã" pela criminalização do assédio sexual. Para que o projecto venha a ser votado na Assembleia da República, será necessário recolher um mínimo de 35 mil assinaturas.

(Secção da responsabilidade do Núcleo de Viseu de
"OLHO VIVO - Associação para a Defesa do Património
Ambiente e Direitos Humanos")

Nota: Críticas e sugestões para a Associação OLHO VIVO,
telefone: 912522690 - olhovivo.viseu@gmail.com
olhovivoviseu.blogspot.com

Cuca Roseta actua hoje no Centro de Arte de Ovar



Cuca Roseta vais subir ao palco do Centro de Arte de Ovar, hoje à noite, a partir das 22 horas, para apresentar “Raiz”.

A artista, considerada uma das melhores vozes femininas do fado da actualidade que, recentemente, participou no Hino pelas Vítimas da Violência Doméstica da APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

Os bilhetes para este espectáculo têm um custo de 10 euros e podem ser adquiridos em <http://caovar.bilheteira-online.pt/> ou no Centro de Arte de Ovar! ◀



DIA DA MULHER

E PORQUE A MULHER TEM UM DIA SÓ PARA ELA...



TRAZEM-NOS HISTÓRIAS DE DISCRIMINAÇÃO NO TRABALHO E NA VIDA SOCIAL, DE VIOLÊNCIA FÍSICA E PSICOLÓGICA, DOS ENTRAVES NO ACESSO À EDUCAÇÃO E À POLÍTICA, DE PRECONCEITOS E ESTIGMAS, DA INCAPACIDADE DE TOMAREM DECISÕES UNILATERAIS, ENFIM, DE SEREM LIVRES. SÃO RECORDAÇÕES DE MULHERES OPRIMIDAS DURANTE DÉCADAS E DÉCADAS PELA SOCIEDADE E, PARTICULARMENTE, PELO HOMEM. NO INTERIOR DO PAÍS, ONDE A INFORMAÇÃO NÃO CHEGA TÃO RÁPIDO COMO NOS CENTROS URBANOS, AS MULHERES ESTÃO MAIS ISOLADAS, AS MENTALIDADES SÃO MAIS CONSERVADORAS E PATRIARCAIS E, CONSEQUENTEMENTE, O SEXO FEMININO TEM SIDO, AQUI, ALVO DE UMA MAIOR DISCRIMINAÇÃO. HÁ MENOS DE QUARENTA ANOS ATRÁS ERAM RARAS OU MESMO NENHUMAS AS QUE SAÍAM DA TERRA-NATAL PARA ESTUDAR NAS GRANDES CIDADES, TEREM A SUA AUTONOMIA E CONSTRUÍREM A SUA PRÓPRIA VIDA.

POR SOFIA CRISTINO

No Dia Internacional da Mulher, comemorado a 8 de Março, é altura de olhar para lutas passadas, reflectir sobre os direitos conquistados pela mulher e recordar a evolução da condição feminina em Portugal e no mundo. É, ainda, ocasião de remontar às gloriosas décadas de 60 e 70, quando começaram a ser dados, no nosso país, os primeiros passos para a criação de grupos e organizações políticas com alguma influência em certos sectores sociais, dos quais as mulheres não foram excepção. Depois do 25 de Abril de 1974, as mulheres surgiam como um novo agente de mudança, sendo exemplo disso a constituição da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR). A associação feminina fundada a 12 de Setembro de 1976 pela mão de Manuela Tavares e, mais tarde, em 1977, representada no Conselho Consultivo da Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres (CIDM) nasceu da vontade de várias gerações de mulheres lutarem pelos seus direitos num contexto político que lhes permitia, pela primeira vez, terem voz. Neste percurso que se anunciava difícil, nem tudo foi um mar de rosas e, “apesar dos grandes avanços que as mulheres tiveram no seu estatuto, particularmente, depois do 25 de Abril e de que a UMAR também é fruto”, Manuela Tavares garante que “ainda há muito a fazer”. Da mesma opinião é Elza

Pais, Presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, que embora reconheça que “já estamos a anos-luz daquilo que foram as gerações das nossas mães e avós” e que temos “mais oportunidades, menos discriminação e outra participação social”, ainda continua a existir “uma desigualdade de oportunidades em função do género”.

HISTÓRIAS DA VIDA REAL

Na verdade, não é preciso ir muito longe para encontrar mulheres que só por serem mulheres se viram limitadas na sua liberdade de agir e pensar. Joana Soares, jornalista, relembra como foi ser afastada do cargo de jornalista da web TV Local Visão após engravidar. Na altura, aliava este emprego ao de apresentadora de um programa do canal AXN. “Trabalhei até uma semana antes de ter a minha filha. A médica já me tinha dado baixa um mês antes mas a pressão para manter os dois empregos era enorme”, conta-nos. Grávida já de nove meses, Joana Soares chegou a trabalhar mais de 12 horas por dia, percorrendo diariamente longos trajectos de carro, sempre de baixo de uma forte tensão para ser despedida. “Tinha regras e deveres a serem cumpridos e direitos zero. Quando se engravidava e se trabalhava a recibos verdes sob

**DIA DA MULHER**

ameaça de substituição porque não faltam currículos e estudantes a trabalhar a troco de nada, não passamos de cachopos a obedecer ao professor”, desabafa. No dia em que Maria Rita veria a luz do dia pela primeira vez, a mãe lembra que quase teve de pedir licença para “ir sossegada” para o hospital. Perguntou se poderia regressar no prazo de um mês e a entidade patronal respondeu positivamente ao pedido de Joana. No entanto, o pior ainda estava para vir. “Se o meu caso não fosse tão trágico até dava uma boa comédia! Nem se deram ao trabalho de me despedir. Não me atendiam nem me recebiam no local de trabalho. Basicamente viraram-me as costas”, afirma. Tal como a Joana, esta semana, uma jovem, logo após ser mãe, viu serem-lhe retiradas as funções de chefia que detinha na empresa onde trabalha. Elza Pais alertou a revista Raízes de que situações como estas “são muito comuns” e que têm de ser reforçados os mecanismos sancionatórios e de controlo para que deixem de acontecer. “É inadmissível que um país que tem pouca natalidade pactue com discriminações por causa da natalidade no mercado de trabalho”, frisou. Quem também já se viu marginalizada pela sua condição de mulher foi Maria José Castelo Branco, deputada social-democrata na Assembleia da República, quando se dirigia à Caixa Geral de Depósitos, em Vila Real, para abrir uma conta.

Enquanto Maria José preenchia o impresso para o efeito, o funcionário da instituição bancária perguntou-lhe se a conta ficava só em seu nome e a deputada reagiu afirmativamente, indicando que o marido assinava depois. “Ele tinha ido estacionar o carro e, quando chegou, o funcionário apercebeu-se e rasgou o papel à minha frente. Pegou noutro para entregar ao meu marido e ele ficar a ser o primeiro titular, quando a conta era minha”, contam, lembrando que, na altura, nem conseguiu reagir tal o “estado de choque” em que ficou.

40**Processos abertos
pela APAV de Vila
Real só no mês de
Janeiro**



AINDA NÃO SE EVOLUIU O SUFICIENTE

Apesar das importantes conquistas obtidas pelas lutas feministas em todo o mundo, a mulher continua a ser alvo de muitos atropelos no que diz respeito à igualdade entre os sexos. Independentemente das faixas etárias, das classes sociais a que pertencem e das suas qualificações, continuam-se a enraizar formas distintas de estar entre homens e mulheres. Mas o silêncio foi quebrado. As mulheres já não são vistas como o elo mais fraco. Hoje, com uma rede alargada de apoios, as mulheres sentem-se mais motivadas e menos receosas para fazerem as suas próprias delações. Para o perceber basta olhar para os números de denúncias que chegam ao Gabinete de Apoio à Vítima de Vila Real (APAV), que, à semelhança um pouco de todos os gabinetes de apoio espalhados pelo país, aumentam de ano para ano. Só no mês de Janeiro a APAV de Vila Real teve quarenta processos em curso e foram feitos 127 atendimentos em cada um dos processos. A ameaça de morte é recorrente e é “uma forma que o agressor usa para intimidar a vítima e evitar que esta peça ajuda”, explica a gestora da APAV de Vila Real, Elisa Brites. Por vezes, a ameaça passa a realidade. O flagelo social de que as mulheres mais têm sido alvo expressa-se

“As pessoas começam a interiorizar que há uma rede de apoios maior apesar de ainda ser escassa. Também os tribunais começam a ser menos tolerantes em termos de medidas de coação em relação ao agressor, exactamente pela frequência do número de crimes e pela sua gravidade, que é uma coisa absurda”

num número assustador. Só o ano passado foram mortas quarenta e duas mulheres em circunstâncias de violência doméstica. Nunca assistimos num espaço tão curto de tempo a tantos desaparecimentos cruéis de mulheres em Trás-os-Montes e Alto Douro, com cinco mulheres assassinadas pelo companheiro ou ex-companheiro. Uma situação “muito preocupante” e que Manuela Tavares acredita que “está para ficar”, uma vez que, acrescenta, a UMAR sente que as penas que são exercidas sobre os agressores e os assassinos “não têm mão muito pesada”, o que é “um estímulo para que outras situações venham a ocorrer”. Já Elisa Brites não acredita que o problema esteja na legislação aplicada, mas sim “na dificuldade em implementar as medidas”, explica. Recorde-se o caso de Manuel Baltazar, mais conhecido por Palito, que, em 2013, foi condenado por um crime de violência doméstica tendo ficado proibido de contactar a ex-mulher. Contudo, o afastamento de Palito não chegou para proteger as pessoas envolvidas neste quadro de violência doméstica, pois, depois de perseguir a ex-mulher quase todos os dias, acabaria por cortar a pulseira electrónica e atingir mortalmente a mãe da sua ex-mulher e uma tia, cúmplices da vítima e das quais tinha ciúmes. “O grande problema é que os agressores não aceitam o rompimento da relação e continuam a perseguir a vítima e quem está com



**DIA DA MULHER**

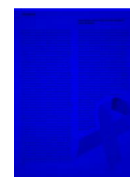
ela e, muitas vezes, as medidas de coação aplicadas pelos tribunais não permitem controlar essas situações 24 sob 24 horas”, alerta Elisa Brites.

Apesar dos casos de violência doméstica existirem há muito tempo e ter vindo a ser criado um conjunto de legislação interessada em procurar respostas para este problema social, estas questões só surgem na agenda política com mais força nos anos 90. Mais tarde, no ano de 2000, o crime de maus-tratos assume, finalmente, a natureza de crime público (Lei nº7/2000, de 27 de Maio), o que permitiu que qualquer pessoa possa denunciar uma situação de violência doméstica. Antes da criminalização do fenómeno, existiam muitas situações que nem sequer eram conhecidas porque “havia vergonha de dizer, mesmo perante a família”, o que nos leva a crer, explica Manuela Tavares, que “hoje existe uma maior visibilidade do fenómeno, mas não podemos dizer propriamente que o seu peso é idêntico”. O “mais preocupante”, alerta Elisa Brites, é que “muitas delas nem viam a violência doméstica como um crime, era algo normal”. Na APAV, as vítimas de violência doméstica são ajudadas a reconhecerem os indícios de violência que, muitas vezes, associam a um acto de “protecção e amor do companheiro”. Elza Pais lembra que “desde novos somos criados num processo de socialização de subordinação e de desvalorização do papel social da mulher e isto fica como cultura dominante com heranças civilizacionais”. A solução, na opinião de Elza Pais, não pode passar só pela lei, mas por “uma

mudança de mentalidades e consciências, que é um processo lento”, adianta.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA UM DRAMA CRESCENTE DA SOCIEDADE

Na verdade, muitos têm sido os esforços para inverter a realidade de mulheres que historicamente aprenderam a ser submissas. Se recuarmos umas décadas, conta-nos a octogenária Lucília Ferreirinha, o fenómeno “era muito mais ocultado” e “nem se quer se falava disso” porque “entre marido e mulher ninguém metia a colher”. Apesar de já terem passado mais de sessenta anos da ocorrência dos casos que Lucília nos conta, continuam a haver mulheres que são incitadas a continuarem nestas relações. Manuela Tavares lembra que “nem sempre há apoio da família porque há algum conservadorismo que leva a dizer que a mulher tem de aguentar porque ‘ele até é bom, ele trás dinheiro para casa e o melhor é aguentar’”, explica. Pelas mulheres que estão nas casas de abrigo da UMAR, Manuela Tavares reconhece que existe “uma grande dificuldade em quebrarem estes ciclos de violência”. “Sair de casa é dar um salto no escuro. Às vezes admito-me de como há determinado tipo de opiniões que dizem que elas apanham porque querem. As pessoas não entendem que os processos de violência são processos prolongados em que existe uma grande influência do agressor sobre a mulher”, esclarece. Veja-se o caso de

**DIA DA MULHER**

Ana, nome fictício, que foi mãe jovem e não esquece o que viveu com o que ainda é o seu actual companheiro. “Ele batia-me à frente da nossa filha de 5 meses. Eu ficava muito perturbada e queria fazer queixa, mas, no dia seguinte, ele parecia outra pessoa. Dava-me prendas e era muito carinhoso e eu achava que podia mudar. Mas nunca mudou, até hoje”, lembra Ana, hoje com 23 anos. Mas como Ana, há muitas outras mulheres na mesma situação. Um indicio de que a violência doméstica continuará a ocorrer nos próximos anos e, segundo Manuela Tavares, “em vez de se extinguir pode mesmo até estar a ganhar um peso maior” é o resultado de um estudo elaborado pelo Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses (INMLCF) que nos dava conta, a 13 de Fevereiro, que a faixa etária dos 18 aos 25 anos é a que apresenta um maior número de queixosos, com 41% (198) das 484 vítimas a garantirem terem sido agredidas por namorados ou ex-namorados. A investigação denuncia que as gerações mais novas estão a ser reprodutoras deste tipo de violência. “Uma bofetada não é violência se for só uma bofetada”. É por intervenções como estas nas diversas sensibilizações que a APAV faz junto das escolas, que Elisa Brites acredita que “enquanto tivermos este tipo de interpretações vamos ter sempre vítimas de violência doméstica e, nomeadamente, em contexto de namoro”. Nesse sentido, a APAV realiza acções de sensibilização junto dos jovens de forma a que estes entendam cada vez mais cedo “o que é certo e o que é errado”, porque “muitas vezes, crianças que vivem em ambientes de violência doméstica, não percebem que isso não é o normal”. Quem partilha da mesma opinião é Álvaro Monteiro, Juiz Presidente da Comarca de Vila Real, que já viu chegar a tribunal casos muito preocupantes que acaba sempre por levar para casa. “Na escola os jovens entendem que dar uma bofetada ou duas ou três é um processo natural do namoro. Há muitos jovens a enveredarem por este caminho e acho terrível que a violência esteja a chegar cada vez mais a jovens e a escalões de nível de formação mais alto”, lamenta. Álvaro Monteiro acredita que tem havido um esforço “muito grande” pelas redes de apoio institucional e forças de segurança para apoiar mais as vítimas de violência doméstica, uma maior sensibilização dos tribunais para estas situações, assim como, uma visibilidade “muito maior” nos meios de comunicação social. “As pessoas começam a interiorizar que há uma rede de apoios maior apesar de ainda ser escassa. Também os tribunais começam a ser menos tolerantes em termos de medidas de coação em relação ao agressor, exactamente pela frequência do número de crimes e pela sua gravidade, que é uma coisa absurda”, frisa.

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA DEIXA MARCAS PARA SEMPRE

Mas não só a violência física é factor dominante nestas relações. Normalmente a violência psicológica vem sempre associada a esta, assim como actos de perseguição, controlo e de intimidação por parte do agressor. Para Elisa Brites, “a violência psicológica é tão ou mais grave que a física”. “A violência física pode ser mais ou menos intensa, cura-se e passa. A psicológica deixa sequelas para toda a vida. Estas mulheres acabam por ter problemas do foro psicológico como depressões, perdem completamente a auto-estima, sentem que não valem nada e perdem mecanismos de defesa”, explica. Ouvem diariamente que não valem nada, que não prestam como mulheres e como mães, são humilhadas e insultadas. Filipa, vítima de violência psicológica durante um ano, acredita que os abusos psicológicos são piores porque, conta-nos, “os físicos só doem na altura”, desabafa com os olhos em lágrimas. Dos inúmeros casos que chegam por dia à APAV, Elisa Brites lembra que estas mulheres dizem muitas vezes que “preferiam ter levado uma bofetada do que ter ouvido isto”. Quando questionado sobre o peso das provas de violência psicológica em julgamento, Álvaro Monteiro respondeu que “na violência psicológica não há exteriorização e é mais difícil fazer essa provação. Uma agressão física deixa um rasto”.

Outra das grandes evoluções na condição feminina foi a concessão do direito ao aborto, que representa em Portugal uma longa luta de trinta anos. Apesar desta grande conquista das mulheres, Manuela Tavares alerta para o facto de a exemplo do que aconteceu em Espanha, “estas questões podem recuar”.



**DIA DA MULHER**

No mundo da política e da educação, também já foram muitos os passos dados no sentido da participação activa da mulher. Manuela Tavares acredita que já houve “um grande avanço com as leis eleitorais a exigirem que pelo menos um terço das mulheres fossem candidatas”, no entanto, afirma que “ainda não é suficiente”, dando o exemplo de que, por vezes, em eleições autárquicas nas quais a mulher e o marido concorrem em listas opostas e ficam empatados, a mulher sai para dar lugar ao marido. Elza Pais acredita mesmo que “as mulheres não têm as mesmas oportunidades que os homens quando decidem abraçar e construir uma carreira”. Já Maria José Castelo Branco mostra-se optimista quanto à progressão da mulher na carreira política: “Mesmo que não abram mais espaço para as mulheres na política, elas furam. É uma questão de tempo e a coisa vai-se inverter”, diz entusiasmada.

No que diz respeito ao acesso ao ensino, vivemos hoje uma realidade um pouco diferente da que Lucília Ferreirinha, transmontana de gema, testemunhou. “As mulheres eram um zero à esquerda, nenhuma estudava. Havia uma advogada ou outra mas na minha aldeia ninguém ia estudar”, conta-nos. Actualmente, segundo os resultados do Censos 2011, em apenas dez anos, o número de portugueses com mais de 23 anos e com ensino superior quase duplicou (passou de 9% para 15%). Entre os licenciados, 60% são mulheres. Apesar de haver uma evolução na entrada da mulher no meio académico e, consequentemente, no mercado de trabalho, os lugares de chefia de topo continuam a ser maioritariamente ocupados por homens. Em Portugal, as mulheres ocupam menos de 5% de cargos de chefia, uma das percentagens mais

baixas da União Europeia. As maiores desigualdades salariais verificam-se nas mulheres com maior nível de formação, um problema que ganha contornos “bastante preocupantes”, realça Manuela Tavares. Maria José

Castelo Branco, que a par das funções políticas é docente de Geologia no ensino superior, diz que lembra as alunas todos os dias para se prepararem porque, explica, “elas têm de trabalhar cinco vezes mais que eles porque a sociedade está preparada para os homens”.

Com a celebração do Dia da Mulher, as nossas entrevistadas são unânimes na opinião de que “é mau sinal ter que existir Dia da Mulher”. “Não deveríamos ter que comemorar este dia, porque de alguma forma estamos a aceitar que há diferenças entre homens e mulheres e daí a necessidade de ele ser comemorado para que deixe de haver diferenças”, afirma Elisa Brites. Manuela Tavares lamenta a banalização em que se tornou a celebração desta efeméride e lembra que “é importante que se evoque esse dia como um dia de luta das mulheres e não como o dia em que o marido traz uma flor à mulher e vai jantar com ela fora”. Acreditam que é fundamental comemorar a efeméride e recordar não só “os grandes problemas que as mulheres sofrem em Portugal e em todo o mundo e homenagear o facto de as mulheres terem direitos porque lutaram e arriscaram muito noutros tempos”, mas também “reflectir sobre os muitos direitos ainda a serem conquistados, o que começa em cada mulher”. Para além disso, lembra Manuela Tavares, é preciso estar atento “à cultura de grande conservadorismo que existe na Europa e às forças políticas dispostas a avançar na regressão destes direitos”.



por RODRIGO GUEDES DE CARVALHO
o país e o mundo

"Cansada" é o novo hino da Associação de Apoio à Vítima, que celebra 25 anos



Aldina Duarte, Rita Redshoes, Ana Bacalhau, Gisela João, Marta Hugon, Cuca Roseta e Selma Uamusse juntaram-se para interpretar o tema

EXPLICAÇÃO DE UMA CANÇÃO

De centenas de reacções que chegaram, muitas eram de mulheres a dizerem-me que choraram ao ouvir este tema

Tive a honra de fazer parte do grupo de pessoas que fez uma canção pelas vítimas de violência doméstica. Um projeto artístico, por ser uma canção, com vídeo-clipe, mas sobretudo um projecto de cidadãos, mulheres e homens preocupados com o que vemos a acontecer no País. A canção teve um impacto que superou as nossas expectativas. E continua. Mas, passe a contradição, é quase para nós uma alegria triste. Porque, das centenas de reacções que me foram chegando, muitas, mas mesmo muitas, eram de mulheres a dizerem-me que choraram muito ao ouvir a canção, porque lhes tocou no nervo, já que viveram, ou vivem ainda, um quotidiano de terror. Mas se foi uma inundação de parabéns pela iniciativa, há também de admitir que houve quem não gostasse.

Contei apenas três razões, muito diferentes, mas a que gostaria de responder. Primeiro, quem nos "critica" por falarmos apenas de mulheres e pelas mulheres, quando se sabe que há homens vítimas de violência doméstica. Sim, há, sem dúvida. Mas sejamos sérios: são uma minoria, comparado com a esmagadora maioria de mulheres. Mas, acima de tudo, há que referir que a canção já existia antes de ser o hino da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). Foi concebida assim, e nunca pretendeu ser um sumário das situações de violência. Aliás, se assim fosse, teríamos também de incluir na letra os idosos maltratados pelos filhos ou as crianças que também são maltratadas dentro da família. Por favor: não me digam que ao olhar para uma fotografia do

Sebastião Salgado, que retrata uma criança faminta no Burundi, lhe vão exigir que ponha na mesma foto os que também passam fome na Índia ou no Chile. Uma canção não é a análise de um problema, é uma expressão artística que tem de ter um foco, senão perde força de mensagem. Houve, depois, os que reagiram dizendo que a canção é muito bonitinha, mas que não há de resolver nada. A estes respondo que sei que não resolve, mas que pode ajudar a alertar aqueles que talvez possam resolver alguma coisa. Mas respondo sobretudo isto: o que de certeza não resolve nada é estar em casa ao computador, sem fazer nada por ninguém, mas muito apressado a criticar quem pelo menos tentou fazer alguma coisa. Finalmente, houve pelo menos uma senhora que resolveu insultar a letra. Diz ela que a letra é uma vergonha, entre outros termos que não vou reproduzir, que se vê logo que não foi escrita por uma mulher, e que ela se recusaria a cantar pa-

lavras como humilhada, cansada, escrava, já sem força, etc. Nunca perceberei quem reduz a arte ao género, um clássico feminista. Saberá que Chico Buarque, um homem, fez as mais belas letras para mulheres cantarem? Outra tristeza: presumir que descrever um estado de espírito ou sentimento é fazer a apologia desse sentimento. Finalmente, o que soa a absoluta ignorância sobre o que fala: milhares de mulheres emocionaram-se, precisamente porque a canção resumia o que sentiram tantas vezes. Mas esta senhora acha que a letra devia ser um panfleto cliché da mulher muito corajosa que não admite uma chapada e queima logo o soutien e outros lugares-comuns, tão fáceis de dizer quando não se passa pelo horror. Acima de tudo, ela insulta as mulheres maltratadas, porque insinua que uma mulher que se sente assim, como a canção descreve, não é uma mulher de coragem. E esse insulto, de mulher para mulheres, é grave.



Pena suspensa por apalpar adolescente

FOI CONDENADO a três anos e seis meses de prisão, pena suspensa por igual período, um homem de 33 anos que perseguiu duas adolescentes e apalpou uma delas. A condenação é pela prática de um crime de coacção sexual.

TRIBUNAL

| Luís M. Fernandes |

O Tribunal de Braga condenou na pena de três anos e seis meses de prisão, suspensa por igual período, o indivíduo que, depois de perseguir duas adolescentes, apalpou uma delas no elevador de um prédio desta cidade. Está obrigado a pagar 250 euros à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

Depois de lhe anunciar a decisão, a presidente do colectivo que julgou o arguido V. da Conceição, de 33 anos, deu-lhe um raspanete que o terá deixado os ouvidos a arder. “Ponha um travão, enquanto é tempo, a esse problema”, disse-lhe, asperamente, a juíza Luísa Alvoeiro.

A magistrada aconselhou-o a tratar-se e a emendar-se, depois de, inicialmente, lhe chamar a atenção para a importância da

estabilidade profissional de que goza, “o que raro neste país”.

Acusado pelo Ministério Público da prática de um crime de actos sexuais com adolescentes, o arguido negara, no julgamento, os factos contra si. Porém, os depoimentos das testemunhas, incluindo o das duas vítimas, não deixaram dúvidas aos juízes.

Ao princípio da tarde do dia 17 de Abril de 2013, duas adolescentes saíam de um ensaio numa escola secundária desta cidade quando, a determinada altura, perceberam que estavam a ser seguidas pelo arguido. Quando estugaram o passo, ele fez o mesmo, apanhando-as à entrada do prédio onde iam almoçar com uma amiga.

Aproveitando o momento em que a porta ficou entreaberta, o arguido entrou no prédio e apalpou uma delas, de 17 anos de idade, no elevador. Empurrou-a



DR

Tribunal de Braga condenou homem por apalpar adolescente

contra o respectivo espelho e tentou rasgar os collants que ela vestia. Apalpou-lhe as partes íntimas.

A colega tentou libertá-la de tão ignóbil assédio e os seus esforços fizeram com que o arguido saísse do prédio em passo de corrida, contornando as traseiras do Tribunal Judicial, acabando por ser interceptado por um vigilante do Palácio da Justiça no interior do Centro Comercial de Santa Tecla, depois de ali entrar pela porta traseira.

O arguido foi condenado de três anos e seis meses de prisão, pela prática de um crime de coacção sexual, suspensa por igual período, sujeita a um regime de prova que o obriga a submeter-se a um programa de acompanhamento psicológico. E tem um ano para pagar 250 euros à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.



Mais de mil crimes de violência doméstica na região

Vítimas Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra revelou ontem os números relativos a 2014

O Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Coimbra registou 1.038 crimes de violência doméstica na região Centro em 2014 e acompanhou um total de 460 vítimas directas, divulgou ontem a Associação de Apoio à Vítima (APAV).

Dos 1.038 crimes registados no relatório anual de 2014, um quarto (24,4%) foram maus tratos físicos, 36,2% maus tratos psíquicos e 18,2% ameaças ou coação, contabilizando-se ainda 21 crimes de natureza sexual, dois homicídios tentados, três crimes de abuso sexual de crianças e dois de subtracção de menor.

A grande maioria das vítimas é do sexo feminino (86,5%), com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos (35%), casadas (41,7%), que pertenciam a um tipo de família nuclear com filhos (42,6%) e encontravam-se empregadas (30,9%). Das vítimas, 10,7% tinham formação no ensino superior, cerca de um quinto eram reformadas e 19% desempregadas, aponta o GAV de Coimbra. As grandes zonas urbanas da região Centro registaram a maior concentração de vítimas, sendo que 21,7% (o



Manuel Baltazar matou duas mulheres ao mesmo tempo que feriu com gravidade a ex-mulher e a filha

que corresponde a cerca de 200 crimes) residiam em Coimbra. Quase metade dos agressores são cônjuges ou companheiros e 10% das vítimas são pais ou mães do autor do crime.

Segundo o relatório anual, o agressor é normalmente homem (79,8%), com idades entre os 35 e os 54 anos (22,3%), quase metade encontra-se casado e um terço está empregado.

«Em 77,9% dos casos assinados, a vitimação ocorrida foi de tipo continuado», com a duração das agressões a perpe-

tuar-se, «sobretudo, num espaço temporal entre os dois e os seis anos [11,9%]», refere o GAV de Coimbra.

Metade dos crimes foram efectuados na residência comum e em 34% das situações sinalizadas foi formalizada uma queixa junto das entidades policiais.

A APAV sublinhou ainda os encaminhamentos feitos por amigos (8,6%) e pela polícia (7,2%), sublinhando ainda o trabalho desenvolvido com as entidades policiais e com a segurança social, que se revelou «crucial no apoio à vítima».



Em resumo

Crimes sexuais contra menores

Em 2013 iniciaram-se 1227 inquéritos por abuso sexual de crianças em 2013 e houve 274 condenações em 1.ª instância.

48%

Segundo o Relatório de Segurança Interna de 2013, em 48% dos casos a vítima tinha relações familiares com o agressor. E em 25% era um conhecido.

- O crime de abuso sexual de crianças consiste no acto sexual com ou em menor de 14 anos ou levá-lo à prática desse ano. A pena de prisão vai de três a dez anos.
- O Código Penal prevê ainda o abuso sexual de menores dependentes, se o agressor for alguém a quem vítimas entre os 14 e 18 anos estivessem confiadas para educação ou assistência. A pena máxima são oito anos.
- Existe também o crime de acto sexual com adolescente, que pune quem praticar actos sexuais com menores entre 14 e 16 anos "abusando da sua inexperiência"
- O crime de violação também se pode aplicar a abusos de menores a partir dos 14 anos.

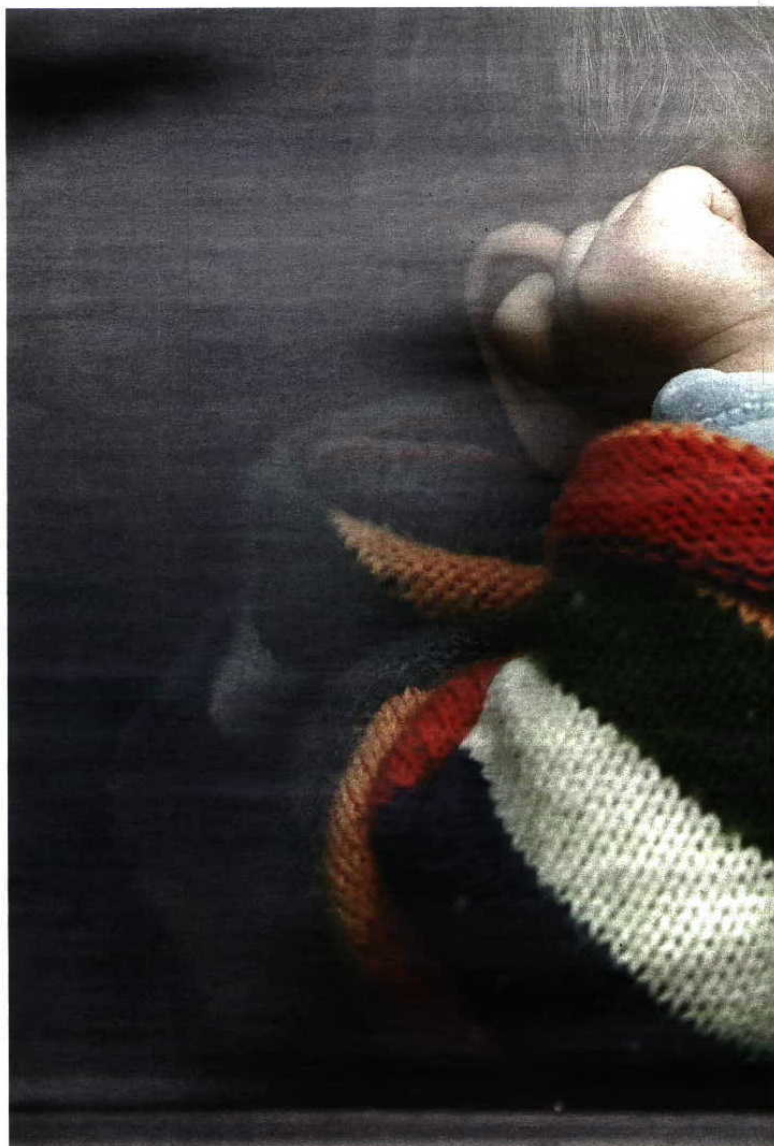
Base de dados dos pedófilos

Lista Segundo o diploma aprovado pelo governo, que será objecto de trabalho na AR, a base de dados de agressores sexuais de menores incluiria indivíduos condenados. A duração máxima na lista seria de 20 anos para penas de dez.

Acesso Teriam acesso à lista magistrados, polícias, comissões de protecção de menores mas também adultos com menores de 16 anos a seu cargo. O acesso por parte dos pais dependeria da fundamentação do pedido, a autorizar pelas autoridades policiais.

Ministério da Justiça e Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens não têm dados sobre este fenómeno

MARKO DJURICA/REUTERS



Violência sexual. 176 filhos abusados pelos pais em quatro anos

Numa altura em que se discute o acesso por parte dos pais a uma base de dados de pedófilos, quantas vezes serão eles os agressores?

MARTA F. REIS
marta.reis@ionline.pt

Foi preciso um ano para a mãe perceber que o filho estaria a ser abusado pelo pai. Separada e com a guarda do J., o rapaz ia de quinze em quinze dias passar o fim-de-semana com o pai. A certa altura, quando tinha três anos, começou a ficar

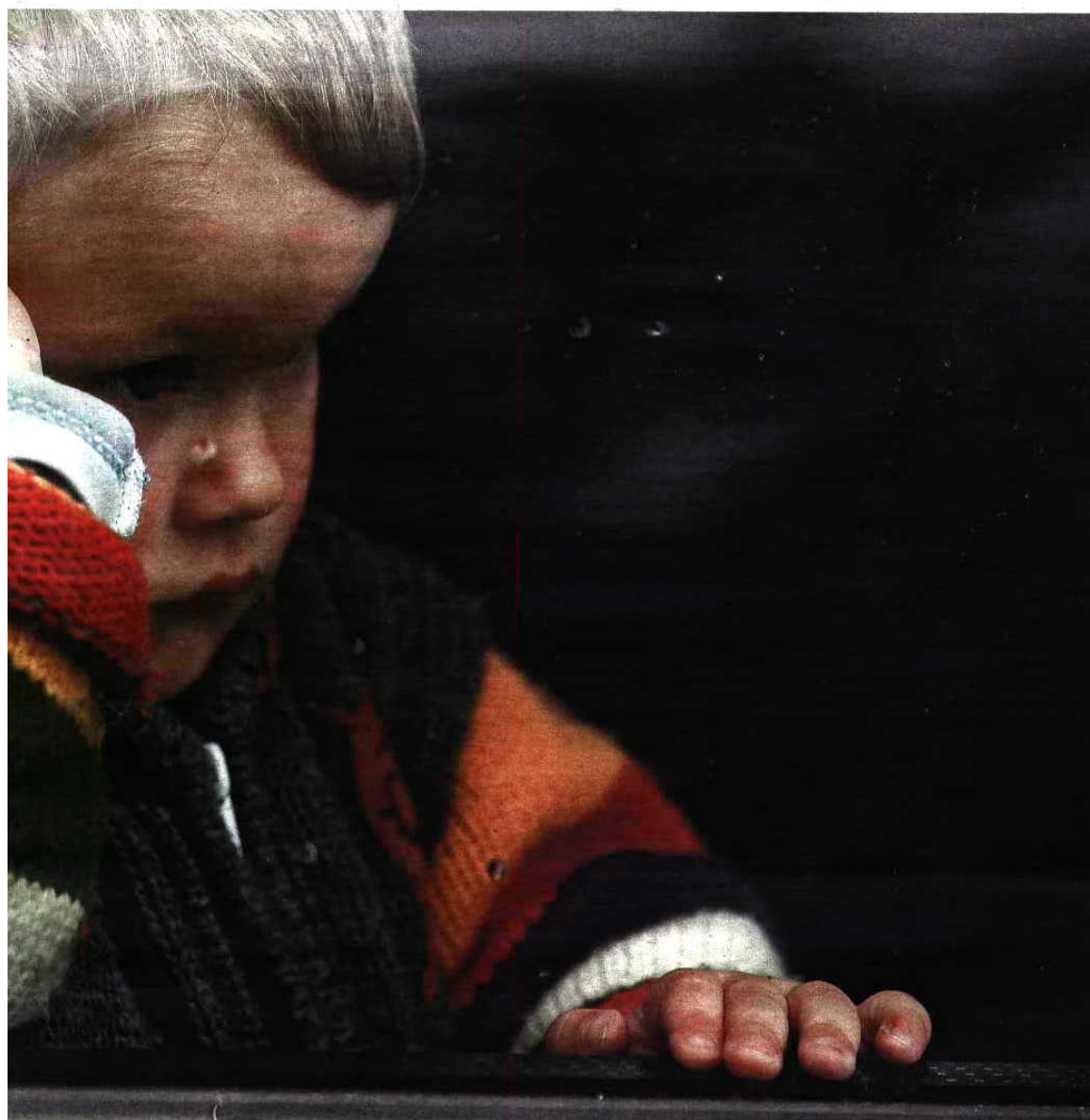
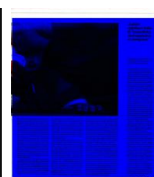
mais irrequieto e mais agressivo na escola. Tornou-se carente mas por vezes com comportamentos "desadequados", como tentar meter a língua na boca da mãe.

O caso, descrito ao *i* pela técnica da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) Joana Menezes, é um dos 176 relatos de filhos abusados sexualmente pelos pais que a associação registou nos

últimos quatro anos, um número sem precedentes. Maior incidência e/ou maior sensibilização – que podem estar a levar a mais denúncias e detecção precoce – são as explicações dos técnicos para o número de casos, que em 2011 chegaram a representar 13,5% das situações de violência sexual contra crianças e adultos que passaram pela associação.

Numa altura em que se prepara a criação de uma base de dados de agressores sexuais de menores, à qual, de acordo com a proposta do governo, os pais teriam acesso, a APAV reserva para o parecer que tenciona remeter ao parlamento uma opinião fundamentada sobre a eficácia desta estratégia. Mas há algo unânime para os peritos: como acontece na violência entre adultos, é em relações de intimidade que ocorrem a maioria dos abusos de menores, o que sugere que uma base em que se pudesse indagar o passado de um desconhecido seria preventivo numa minoria das situações.

Embora não sejam tão detalhados, os dados do último Relatório Nacional de Segurança Interna permitem confirmar o que está descrito na literatura: cerca de 80% dos abusos acontecem em relações de proximidade. Em 2013 foram



Juízes rejeitam lista. É “populista, demagógica e perigosa”

Sindicato sublinha que medida extravasa a directiva europeia

A Associação Sindical dos Juízes Portugueses rejeita liminarmente a proposta de lei do governo que prevê a criação de uma base de dados dos cidadãos condenados por crimes sexuais contra menores. No parecer que remeteu à Assembleia da República, os juízes consideram que o projecto carece de “utilidade” no que toca à protecção dos menores e que a proposta da ministra da Justiça é “populista”, “demagógica” e “perigosa”.

Os juízes apontam as fragilidades da chamada lista de pedófilos, a começar pela ideia de que a criação da base de dados “consubstancia uma enorme fractura no sistema penal e processual penal” português, indo muito além do proposto na directiva europeia que dá origem ao diploma do governo. Outro ponto: as soluções preconizadas “não têm (...) sustentação histórica” no ordenamento jurídico.

Mais: a lista “não evidencia qualquer utilidade em termos de prevenção geral”, ficando-se pela “dimensão populista, demagógica, perigosa e inconsequente” com o direito penal.

A ministra Paula Teixeira da Cruz pretendia abrir o acesso – ainda que condicionado – às informações da base de dados a adultos responsáveis por menores de 16 anos. Ora, os juízes entendem, no parecer, que “não existe um direito à segurança de tal forma amplo que determine o dever de o Estado dar a conhecer aos seus cidadãos o passado criminal de outros membros da comunidade”. Esse acesso é, por isso, “inequivocamente desproporcional” e contrário à Constituição portuguesa.

Mas os juízes também lembram, num parecer demolidor para a proposta, os “resultados trágicos” da aplicação de modelos semelhantes, que “deveriam levar a uma clara rejeição” da proposta. *Pedro Rainho*

abertos 1227 inquéritos por indícios de abuso sexual de crianças. Em 48% o agressor era familiar da vítima e em 25% um conhecido. Só em 145 situações se tratava de um desconhecido e apenas 28 casos aconteceram em relações de assistência e formação. Manuela Santos, técnica da APAV do Porto, sublinha que importa desmistificar a noção do autor do crime como desconhecido. “O que os dados indicam é que em muitas situações as agressões ocorrem quando existe um laço familiar e de facto, que acaba por ser aproveitado pelo agressor e gera muita confusão na criança”, explica. “O facto de haver esse laço acaba por perpetuar o abuso, porque é difícil para a criança perceber se os comportamentos serão normais e há uma ambivalência de sentimentos em relação ao agressor.”

Joana Menezes, da APAV de Lisboa, partilha da mesma opinião e explica que por vezes os sinais são subtis, o que exige sensibilização. “As crianças não têm fantasias sexuais, fantasiam com coisas que lhes fazem bem. Por vezes desvaloriza-se pensando que é mentira.” Ou que é normal. Segundo relatou a mãe de J. quando procurou ajuda da associação –

porque apesar de decorrer o inquérito-crime o filho tinha de continuar a ir às visitas quinzenais – o rapaz às vezes regressava triste de casa do pai e quando lhe perguntava porquê limitava-se a responder que tinha ficado de castigo, o que a mãe atribuiu ao temperamento “mais frio” do ex-companheiro. Mas noutras vezes regressava contente e apenas uma vez fez birra para não ir, o que a mãe desvalorizou.

Foi num regresso aparentemente normal, contudo, que começou a achar que poderia haver mais alguma coisa, mas mesmo assim não seguiu o seu instinto. Ao dar banho ao filho, este disse-lhe que lhe doía o pénis. A mãe notou vermelhidão mas achou que seria uma infecção semelhante a outra que o pediatra diagnosticara meses antes – que mais tarde veio a pensar se não seria já um primeiro sinal. Ao questionar o filho, este disse-lhe que o pai lhe tinha “mexido na pilinha” e posto creme. Quando confrontou o ex-companheiro, o relato foi natural. Lembra-se de estranhar mas desvalorizou: pensou “estar a fazer filmes.”

Tempos depois, quando as birras começaram a aumentar e num regresso mais calado, a mãe voltou a insistir com J. A

criança respondeu-lhe que o pai lhe tinha voltado a mexer e a pedir-lhe para “chupar a pilinha dele”. E disse-lhe que tinha de guardar segredo, se não nunca mais faria as coisas de que gostava. Só aí a mãe caiu em si, fez queixa na PJ e J. foi avaliado pelo Instituto de Medicina Legal. A associação desconhece o desfecho do caso mas diz que é importante reconhecer que o fenómeno existe e não escolhe classes. Os pais de J. têm ambos estudos superiores, empregos estáveis. Uma família de classe “média alta”, diz a técnica.

Serão os casos da APAV representativos? O *i* tentou perceber junto do Ministério da Justiça quantos agressores de menores condenados nos últimos anos eram pais das vítimas. Fonte oficial indicou que o “modo de recolha dos dados estatísticos junto dos tribunais judiciais” não permite fornecer essa informação. Também Armando Leandro, presidente da Comissão Nacional de Protecção das Crianças e Jovens em Risco, indicou que as estatísticas deste organismo não detalham essa informação. Sabe-se apenas que em 2013, último ano com dados, foram sinalizadas 2898 potenciais situações de abuso sexual e 180 foram objecto de deliberação de medidas.



DR

1038 crimes de violência doméstica na região em 2014

●●● O Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Coimbra registou 1.038 crimes de violência doméstica na região Centro em 2014 e acompanhou um total de 460 vítimas diretas, divulgou a Associação de Apoio à Vítima (APAV).

Dos 1.038 crimes registados no relatório anual de 2014, um quarto (24,4%) foram maus tratos físicos, 36,2% maus tratos psíquicos e 18,2% ameaças ou coação, contabilizando-se ainda 21 crimes de natureza sexual, dois homicídios tentados, três crimes de abuso sexual de crianças e dois de subtração de menor.

A grande maioria das vítimas é do sexo feminino (86,5%), com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos (35%), casadas (41,7%), que pertenciam a um tipo de família nuclear com filhos (42,6%) e encontravam-se empregadas (30,9%).

Das vítimas, 10,7% tinham formação no ensino superior, cerca de um quinto eram reformadas e 19% desempregadas, aponta o GAV de Coimbra.

As grandes zonas urbanas da região Centro registaram a maior

concentração de vítimas, sendo que 21,7% residiam em Coimbra.

Quase metade dos agressores são cônjuges ou companheiros e 10% das vítimas são pais ou mães do autor do crime.

Segundo o relatório anual, o agressor é normalmente homem (79,8%), com idades entre os 35 e os 54 anos (22,3%), quase metade encontra-se casado e um terço está empregado.

“Em 77,9% dos casos assinalados, a vitimação ocorrida foi de tipo continuado”, com a duração das agressões a perpetuar-se, “sobretudo, num espaço temporal entre os dois e os seis anos [11,9%]”, refere o GAV de Coimbra.

Metade dos crimes foram efetuados na residência comum e em 34% das situações sinalizadas foi formalizada uma queixa junto das entidades policiais.

A APAV sublinhou ainda os encaminhamentos feitos por amigos (8,6%) e pela polícia (7,2%), sublinhando ainda o trabalho desenvolvido com as entidades policiais e com a segurança social, que se revelou “crucial no apoio à vítima”.



Gouveia: Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância

CPCJ de Gouveia vai promover diversas iniciativas no mês de Abril

A Comissão de Protecção de Crianças e Jovens (CPCJ) de Gouveia associa-se pela primeira vez à campanha de sensibilização 'Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância' - Mês de Abril, uma iniciativa da CPCJ Nacional, da Associação de Mulheres Contra a Violência e da Câmara Municipal de Lisboa que, desde 2008, promovem um



conjunto de actividades dirigidas a toda a comunidade, alertando-a para a responsabilidade social na protecção deste grupo etário.

Esta campanha de sensibilização tem como prioridade fundamental a consciencialização das famílias e de toda a comunidade para a importância da prevenção dos maus-tratos na infância, contribuindo ainda para a educação da necessidade de um maior fortalecimento dos laços familiares, no sentido de uma parentalidade mais positiva.

Ao longo do mês de Abril serão desenvolvidas, em Gouveia, um conjunto de actividades, das quais se destacam: **1 de Abril** - Colocação do Laço Azul, símbolo do Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância, nos edifícios públicos (Câmara Municipal, Segurança Social, Centro de Saúde, GNR, PSP e Escolas do Concelho); **8 de Abril** - Apresentação do livro 'As aventuras do Joãozinho na Terra dos Direitos'; **13 de Abril** - 'Á conversa com... APAV e as crianças e jovens vítimas de violência'. Prevista está também a realização de sessões de esclarecimento nas escolas, desenvolvidas pela GNR e subordinadas ao tema 'Abraçar a Prevenção - Prevenção dos Maus-Tratos Infantis'.

No próximo mês de Abril, e neste âmbito, decorrerão também as seguintes iniciativas: distribuição do calendário 'Todos os dias são dias de afecto', aos alunos do Jardim de Infância e 1.ª CEB onde se sugere uma actividade diária que os pais podem desenvolver com os filhos, uma maneira saudável de integrar a participação dos pais nos tempos livres das crianças, fazendo-as sentir assim mais próximas e seguras dentro do seio familiar (neste âmbito, a Rádio Antena Livre irá relembrar, dia-a-

-dia, a necessidade de os pais concretizarem as propostas sugeridas no calendário); distribuição de pulseiras alusivas aos Mês da Prevenção dos Maus-Tratos na Infância aos alunos do 5.º ao 12.º ano; sessões de trabalho com os alunos sobre o tema da violência e sua prevenção na disciplina de Educação Moral Religiosa Católica, com a colaboração das Bibliotecas Escolares.

Refira-se que, de acordo com o último estudo elaborado pelo *World Report on Violence Against Children* (Nações Unidas, 2006), o número de crianças que continuam a sofrer maus-tratos é bastante preocupante: entre 20% a 65% das crianças em idade escolar em países desenvolvidos revelaram terem sido vítimas de *bullying* verbal ou físico na escola. Estima-se que apenas 2,4% das crianças de todo o mundo sejam legalmente protegidas da punição corporal nos vários contextos em que se inserem.

História do Laço Azul

A **Campanha do Laço Azul** (Blue Ribbon) iniciou-se em 1989, na Virgínia (Estados Unidos da América), quando uma avó, Bonnie W. Finney, amarrou uma **fita azul** à antena do seu carro "para fazer com que as pessoas se questionassem".

A história que Bonnie Finney contou aos elementos da comunidade que se revelaram "curiosos" foi trágica e referia-se aos maus tratos à sua neta. Pela mesma razão, o seu neto já tinha sido morto de forma brutal.

E porquê **azul**? Porque apesar do azul ser uma cor bonita, Bonnie Finney não queria esquecer os corpos batidos e cheios de nódoas negras dos seus dois netos. O azul servir-lhe-ia como um **lembrete constante** para a sua luta na protecção das crianças contra os maus tratos.

A história de Bonnie Finney mostrou-nos o **efeito que a preocupação de um único cidadão** pode ter, no **despertar das consciências** do público em geral relativamente aos maus tratos em crianças, na **sua prevenção e na promoção e protecção dos seus direitos**.

A história de Bonnie Finney mostrou-nos o **efeito que a preocupação de um único cidadão** pode ter no **despertar das**



consciências do público em geral relativamente aos maus tratos em crianças, na **sua prevenção e na promoção e protecção dos seus direitos**. ■



Órfã, vítima e testemunha

SOURE A 20 de outubro do ano passado, António, 49 anos, matou a mulher, Fernanda, 47 anos, e a filha mais velha, Inês, de 16, tendo deixado ferida a mais nova, Joana, de 13, em Soure (Coimbra). Os colegas de Joana e Inês prestaram homenagem com balões brancos no cemitério. É para pessoas como Joana, órfã, vítima e única testemunha viva de um crime, que funciona a rede de apoio criada na APAV. "O acompanhamento ultrapassa um ano. Ajudamos a preparar os familiares para a fase do julgamento, até mostramos como funciona um tribunal", refere Bruno Brito. Quanto a familiares e amigos das vítimas, apoiam "duas a três pessoas por crime".

DENÚNCIAS À APAV

16 881

► **crimes de violência doméstica**
Casos registados no ano passado, o que significa uma percentagem de 78% de todo o universo de crimes participados à associação. Um ligeiro decréscimo, neste capítulo, em relação ao ano anterior, em que tinha havido 17 384 crimes de violência doméstica (84,2% do total de crimes).

21 541

► **crimes registados na APAV**
O relatório refere um aumento de 4,4% do número de crimes denunciados, por comparação a 2013 (em que se registaram 20 642 crimes). Inclui ilícitos contra a vida, contra o património (roubos e furtos) e contra a integridade física, entre outros.

8889

► **vítimas de crimes**
Este é o universo de vítimas diretas de crimes em 2014. A Associação de Apoio à Vítima registou um total de 12 379 processos de apoio, dos quais 91% tiveram o seu primeiro atendimento em 2014, existindo 8% de casos que transitaram de anos anteriores.

3279

► **participações por ameaça**
É um dos crimes com maior expressividade no universo da violência doméstica. As denúncias à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima aumentaram em relação ao ano anterior (em 2013 foram 3107 os crimes de ameaça e coação).

59

► **homicídios**
A este número juntam-se 92 tentativas de homicídio registadas pela APAV em 2014, em articulação com dados da Polícia Judiciária. No total, são 151 crimes de homicídio (tentado e consumado). Nesta categoria entram todos os homicídios, não apenas os conjugais.

106

► **abusos sexuais de crianças**
A maior parte destes abusos contra crianças com idade inferior a 14 anos foram em contexto familiar. De registar também 139 crimes de violação (crianças ou adultos) e 64 crimes de coação sexual, registados no relatório de 2014 da APAV.

Violência doméstica deixou 700 órfãos em dez anos

Vítimas. Sofreram um "trauma brutal e não tiveram apoio psicológico do Estado", denuncia Comissão de Proteção às Vítimas de Crimes. A APAV criou rede de apoio a famílias

RUTE COELHO

No início do mês, Santa Marta do Pinhal, em Corroios, acordou com a notícia de mais um homicídio conjugal. Um homem de 33 anos matou a mulher, de 29, durante a madrugada de dia 3 e a seguir atirou-se da Ponte 25 de Abril. No meio deste cenário de grande violência, o filho do casal, com 3 anos, assistiu a todo o crime e foi entregue à guarda de familiares, depois de receber apoio psicológico. É uma das 700 crianças que ficaram órfãs de mãe por causa de violência doméstica nos últimos dez anos.

A estimativa foi revelada ao DN por Carlos Anjos, presidente da Comissão de Proteção às Vítimas de Crimes (CPVC). A projeção foi feita com base no número de 400 mulheres mortas na última década, à média de 1,5 filhos por cada uma. São dados que mostram o outro lado da violência conjugal, no dia em que é divulgado o relatório anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) de 2014, a que o DN teve acesso (ver caixa). O documento mostra que houve

um universo de 16 681 crimes de violência doméstica denunciados no ano passado, dos quais 42 mulheres assassinadas. Já este ano, e ainda antes do fim do primeiro trimestre, já foram mortas nove as mulheres. Muitas delas deixaram filhos por criar. "São crianças que não tiveram sequer um apoio psicológico do Estado", critica Carlos Anjos.

Mesmo nos casos em que o agressor não se suicida, acaba condenado a uma pena pesada por homicídio qualificado. "A média de condenações é de 18 anos", lembra o presidente da CPVC. Na prática, as crianças perdem os dois pais na sequência de um homicídio conjugal. "Em 90% dos casos que temos apoiado a família do pai agressor é riscada do mapa."

O processo de recuperação da morte da mãe é mais prolongado e doloroso quando a personalidade está mais estruturada. Carlos Anjos lembra o caso de Joana, a criança de 13 anos que sobreviveu à fúria do pai, que matou a mãe e a irmã, em casa, em Soure, no distrito de Coimbra, em outubro de 2014. Joana foi, em simultâneo, vítima (ficou

ferida) e testemunha do duplo homicídio.

A CPVC oferece indemnizações às vítimas cujo valor máximo é de 34 600 euros (até hoje concedido em apenas dois casos). Normalmente, as famílias recorrem à comissão logo a seguir ao crime. Mas a resposta pecuniária não é suficiente. Carlos Anjos defende que o Estado podia fazer mais. "Devia haver a capacidade do Estado de monitorizar o crescimento destas crianças, através da Segurança Social, por exemplo. O apoio psicológico que é dado no local pelos psicólogos do INEM não chega, dura dois dias e depois acabou."

Há nas histórias destas crianças e jovens sobreviventes "verdadeiras lições de vida". "Lembro-me de um caso de uma menina de 12 anos que perdeu o pai e a mãe, que não tinha estrutura familiar para apoiar e estava numa instituição de solidariedade social. Viveu uma tragédia e ficou sozinha. Quando estava quase a atingir a maioridade, recorreu à comissão, entrou na faculdade e licenciou-se."

A APAV tem, desde 2013, uma rede de apoio a familiares e amigos

das vítimas de homicídio, que funciona em articulação com a Polícia Judiciária. "Já acompanhámos perto de 300 pessoas, desde filhos a irmãos, pais e tios de vítimas de morte violenta, não apenas em cenário conjugal ou de violência doméstica", afirma Bruno Brito, gestor da rede.

No apoio às crianças que perderam a mãe, o pai ou ambos, a rede da APAV articula o apoio com as escolas. "Há casos em que o apoio começa de imediato, com a comunicação da morte à criança. Há muitas dúvidas das escolas sobre isto e nós defendemos que as crianças não devem ficar sem resposta ao tema. Até porque as crianças têm nestes casos de lidar com duas coisas: a sensação de abandono e a morte. É muito grave para a estrutura mental." Quando se trata de homicídios conjugais, a APAV trabalha também os avós das crianças "para que não façam a projeção sobre os menores da opinião que têm do pai ou da mãe". De resto, o apoio da rede é concedido no mesmo modelo seguido para as vítimas acompanhadas pela APAV. com VALENTINA MARCELINO

Violência doméstica deixou 700 órfãos em dez anos

Crime. A Comissão de Proteção às Vítimas de Crime denuncia que a maioria das crianças, apesar do “trauma brutal”, não teve apoio do Estado

No início do mês, um homem de 33 anos matou a mulher, de 29, durante a madrugada e a seguir atirou-se da Ponte 25 de Abril. No meio deste cenário, o filho do casal, com 3 anos, assistiu a tudo e foi

entregue à guarda de familiares. É uma das 700 crianças que ficaram órfãs em consequência de violência doméstica nos últimos dez anos. A estimativa é da Comissão de Proteção às Vítimas de Crimes.

A projeção foi feita com base no número de 400 mulheres mortas na última década, à média de 1,5 filhos por cada uma. O documento mostra que, só no ano passado, houve 16 881 denúncias. **SOCIEDADE** PÁG. 20



Todas as semanas 16 idosos e 19 crianças são vítimas de violência

Relatório anual da APAV registou um aumento da violência contra idosos e crianças em 2014. Na maioria das queixas as agressões ocorrem há pelo menos dois anos e em 7,2% dos casos há mais de 20 anos

Violência Romana Borja-Santos

Em mais de 70% das queixas de violência que chegaram no ano passado à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), os crimes ocorreram de forma continuada e por períodos compreendidos entre dois e seis anos - duração que foi apontada em quase 20% das situações. Os dados, que fazem parte do relatório anual de 2014 da APAV divulgado nesta quinta-feira, indicam ainda que a violência contra idosos cresceu 10,1% e contra crianças também subiu mais de 2%.

De acordo com o documento, no total, a APAV acompanhou 12.379 processos de apoio, o que representa um crescimento de 4,9% em relação a 2013. O número global de vítimas cresceu 1,8%, para 8889, e o número de crimes disparou 4,4%, para 21.541. "Dos 12.379 processos, 91,9% tiveram o seu primeiro atendimento em 2014, existindo 8% de casos que transitaram de anos anteriores devido à complexidade das situações apresentadas", esclarece o relatório a que o PÚBLICO teve acesso.

A APAV destaca que em 852 casos as vítimas eram idosos, o que representa 16 agressões por semana. O número de crianças situou-se nas 992, o que corresponde a 19 casos semanais. À semelhança do que aconteceu nos anos anteriores, as mulheres continuam a representar a esmagadora maioria das vítimas, com uma proporção de 130 casos por semana, contra apenas 21 nos homens.

Em 73% das situações os crimes ocorreram de forma continuada. Em 43,4% dos casos as queixas não indicam uma duração, mas, quando a referem, em 19% apontam para períodos compreendidos entre os dois e os seis anos. Seguem-se as agressões de sete meses a um ano (9%) e as agressões há mais de 20 anos (7,5%). A residência comum é o local de 52,6% dos crimes, seguida pela residência da vítima (11,4%) e via pública (11,3%).

Em termos de perfil, a vítima é, regra geral, uma mulher entre os 25 e os 54 anos, casada, empregada e pertencente a uma família com filhos. O mais comum é ter uma escolaridade superior ou pelo menos o 3.º ciclo, ainda que em quase 70%



As mulheres continuam a representar a esmagadora maioria das vítimas

Falta de apoio para filhos das vítimas

443 mulheres foram mortas nos últimos 11 anos

Já o presidente da Comissão de Protecção às Vítimas de Crime, tutelada pelo Ministério da Justiça, apela a um olhar que vá para lá dos números imediatos. No caso concreto da violência doméstica, Carlos Anjos estima que as mortes tenham deixado 700 órfãos e lamenta que a atenção acabe por ser só dada "no dia do homicídio e no dia do julgamento". A conta "é feita por baixo", tendo em consideração as 443 mulheres mortas nos últimos 11 anos e tendo como base uma média de 1,5 filhos por cada uma. Só neste ano já morreram mais nove.

"Mas estou certo que serão muitos mais órfãos. Estes

crimes de violência doméstica costumam acontecer em classes baixas e com mais filhos", explica Carlos Anjos em declarações ao PÚBLICO, ressaltando que os 700 órfãos não serão todos menores de idade, "mas certamente a maioria". Por outro lado, lembra que a pena para estes crimes costuma ser de cerca de 17 anos, pelo que na prática os filhos ficam também



sem pai. O responsável defende que seria importante melhorar os apoios para os filhos, mas nem tanto pelo lado da indemnização (que, no máximo, fica abaixo dos 35 mil euros). "Preocupa-me muito mais a falta de apoio psicológico, que na prática só existe nos dois primeiros dias e depois não existe. Não temos nenhum estudo que nos diga o que aconteceu a estes jovens. Sabemos que a família do homicida é normalmente afastada do processo e que são entregues à família da mãe, normalmente aos avós. Mas há muitos casos de dificuldades económicas e quando há mais irmãos vai parar cada um a seu lado", acrescenta.

dos casos as pessoas não tenham indicado este dado. Em 28,4% das situações, o autor do crime é cônjuge da vítima, seguindo-se em 12,1% a relação de companheiro. Mas em 11,6% as vítimas são filhos ou filhas e em 79,9% de pais ou mães - numa percentagem igual à encontrada para os ex-companheiros. Já os agressores são normalmente homens, também entre os 25 e os 54 anos, casados e empregados.

"A APAV registou um aumento de casos em cada grupo de vítimas referenciado. Para as pessoas idosas, de 774 casos em 2013, passou-se para 852 em 2014 - mais 10,1%; para as crianças e jovens, o aumento percentual rondou os 2% (de 974 para 992); entre mulheres e homens, no seu conjunto, o aumento percentual foi o mais significativo, com 12,4% (de 6985 em 2013 para 7848 em 2014)", sintetiza o relatório.

Violência doméstica

Em relação ao tipo de crimes em concreto, a violência doméstica, seja através de maus tratos físicos ou psíquicos, continua a dominar a realidade das queixas, com 78,4%. Depois da violência doméstica, o crime com maior expressão fica reduzido a 2,9% e diz respeito à "ofensa à integridade física simples", seguido por 1,6% de casos de "stalking/assédio persistente". Dentro da violência doméstica os maus tratos psíquicos são os mais comuns (37,3%), seguidos pelos maus tratos físicos (25,3%) e pelas ameaças e coacção (18,4%).

"Durante o ano de 2014 o apoio genérico (como seja o prestar informações sobre outras instituições, o reencaminhamento de correspondência, o apoio emocional) destacou-se, com um total de 8728 registos. Dentro deste tipo de apoio é importante destacar o apoio emocional, que perfaz um total de 4860 registos. Já dentro do apoio especializado destacou-se o apoio jurídico (preenchimento de requerimentos, informação sobre processos-crime, etc.) com 6920 registos, seguindo-se o apoio social (pedidos de alojamento, alimentação, etc.) com 1052 casos registados", adianta a APAV.

Quanto a zonas, Lisboa e Porto continuam a representar quase metade do total de queixas e o contacto telefónico feito pela própria vítima é o método preferencial.

Violência contra idosos aumenta 10% num ano

● **Associação** de Apoio à Vítima registou 852 casos com pessoas com mais de 65 anos

● **Agressões** por familiares e roubos são o lado escondido do envelhecimento

Dina Margato
dina.margato@jn.pt

Há cada vez mais idosos vítimas de violência doméstica: a APAV contou 852 no ano passado, mais 10% do que em 2013. Por detrás da cortina estão histórias marcadas pela agressão física, humilhação e roubo de bens.

“São as vítimas mais vulneráveis”, lamenta Maria Oliveira, responsável pela área da violência sobre idosos na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que ontem divulgou o balanço das denúncias de 2014. “Normalmente vivem em dependência emocional do agressor e têm medo das consequências”.

Estamos a falar de idosos com “saúde débil e problemas de locomoção”. E as suas queixas traduzem frequentemente mecanismos de culpabilização e impotência face à resolução de problemas antigos. Da sua boca, soltam-se expressões como “Sou um estorvo”, ou “Sou um fardo”.

E o pico da crise financeira terá agravado o estado de coisas. “Não nos referimos apenas a situações de violência conjugal. Há os casos de abuso financeiro, com a retirada indevida das pensões ou outros bens” e isto já da parte dos filhos ou cuidadores. “Há uma panóplia de fatores que se conjugam quando se fala da violência contra idosos”, resume Maria Oliveira.

Do balanço da APAV relativo a 2014 sobressai o crescimento de vítimas na faixa etária acima dos 65 anos: 852 pessoas, duas por dia, 16 por semana – um valor 10% acima dos casos do ano transato. O grupo mais representativo, dos 35 aos 44 anos, revela uma de 6,2%, so-



Muitas vezes são as próprias vítimas que se minimizam, considerando-se como um fardo para a família

mando 1322 vítimas. Quanto a menores expostos à violência doméstica, os casos chegam aos 992 (mais 2%).

Estes dão números respeitantes aos processos que chegam ao conhecimento da APAV, parte deles encaminhados pela PSP. A associação abriu 12.379 processos de apoio e tratou de 8889 vítimas, que foram alvo de 21.541 crimes. Todos estes itens cresceram face a 2013, um aumento que não será alheio ao facto de haver menos vergonha para avançar para a queixa e ao crescente apoio das instituições.

Perante este crescimento, a APAV está a desenvolver com a Direção-Geral da Saúde um manual de boas práticas dirigido aos profissionais de saúde, para reconhecerem casos.

Maria João Quintela, vice-presidente da Sociedade Por-

tuguesa de Geriatria e Gerontologia, faz um retrato de uma sociedade pautada por valores pouco humanos, para explicar o estado a que chegámos no que toca ao tratamento dos idosos. “Vivemos presos aos bens imediatos, mais preocupados com o concerto do telemóvel do que a com a visita aos avós”. Fala-se deles com desdém, lamenta.

“Até os próprios se desvalorizam. Têm 70 anos e dizem que estão acabados, quando com a esperança de vida está acima dos 80 e têm muitos anos pela frente”. A sociedade criou “uma discriminação clara por causa da idade” e construiu “muitos estereótipos negativos face ao envelhecimento”, enquadramento que ajuda a explicar o isolamento dos idosos e os muitos dramas escondidos no interior das habitações. ●



FLASH

Aumento da depressão pode ser uma causa

Paula Guimarães

Pres. Grupo de Reflexão e Apoio à Cidadania

Que comentário lhe merece este aumento do número de vítimas idosas?

Pode ser um aumento real ou pode ser um aumento de denúncias. Até me inclino mais para esta segunda hipótese, porque tem havido um esforço bastante grande, não só da parte da APAV como de outras organizações, no sentido de alertar as pessoas idosas.

As vítimas calavam-se?

A violência contra as pessoas idosas não tem a ver apenas com a violência física, tem muito a ver com exploração financeira. Muitas destas situações nem sequer eram valorizadas como violência. Não eram valorizadas, não eram sinalizadas. E, neste momento, há uma consciência maior.

E quanto à violência conjugal propriamente dita?

Estou convencida de que há uma correlação entre os problemas de saúde mental e o aumento da violência. Temos cada vez mais pessoas idosas com problemas de depressão. A falta da toma de medicamentos, em situações de esquizofrenia e bipolaridade, causará picos de agressividade que se calhar estavam escondidos. ●

SINAIS DE ALERTA

Silêncios comprometedores

Um dos comportamentos que deve merecer especial atenção por parte de amigos e familiares é o silêncio sobre a sua vida pessoal, e sobretudo se este serve de resposta a perguntas diretas sobre o relacionamento conjugal. O silêncio e a dificuldade em verbalizar pode indicar a existência de um problema.

Reações de medo em situações vulgares

As expressões de apreensão e receio expressas fisicamente quando se nomeia alguém que pode ser um agressor deve ser um sinal de alerta. Simples automatismos traduzem medos mais profundos.

Quedas inexplicáveis

As histórias de quedas ou explicações rocambolescas sobre acidentes caseiros são outras pistas a considerar. Assim como as depressões sucessivas e a medicação baseada em ansiolíticos para tentar resolvê-las, sem que, na maior parte dos casos, tenha havido uma prescrição médica. Os sintomas suspeitos não devem ser desvalorizados.

“A falta da toma de medicamentos pode causar picos de agressividade”

REFERÊNCIAS

12

mil processos de apoio
Foram registados 12 370 processos na APAV durante 2014. Em 2013, tinham sido 11 800. Cresceram 4,9%.

17,1%

vítimas no masculino
Os homens também sofrem por causa da violência doméstica. Em 2013 representavam 16,5%.

1988

casos em Lisboa
Os distritos negros são Lisboa (1988), Porto (1044), Faro (832) e Setúbal (735).

REPORTAGEM // Gerontóloga de centro paroquial em Oliveira do Bairro fala da confiança que é preciso criar com os idosos para eles denunciarem situações de violência **Por Zulay Costa**

Vítimas “caladas” por dor, vergonha e desamparo

Os idosos são “vítimas silenciosas” de uma violência exercida sobretudo por famílias e encoberta pela “vergonha e dor”, conta Ana Filipa Nascimento, a gerontóloga de 25 anos que desenvolve trabalho no Centro Social Paroquial da Palhaça, em Oliveira do Bairro.

“Os idosos não demonstram o que sentem, pela educação e cultura que têm, e que passa por não contar a sua vida pessoal e financeira a estranhos. Há muita vergonha e dor envolvida na denúncia, porque estão desamparados, dependentes e são os familia-

res quem geralmente exerce violência. É preciso estar atento e perceber os sinais”, diz a técnica.

E que quais são os sinais? E como os detetar? A confiança é a palavra chave. “É preciso criar laços de confiança e conhecer bem a forma de ser das pessoas e as suas rotinas, para perceber os principais sinais: ficam mais fechados sobre si, isolam-se, ficam tristes e em depressão”.

No topo das denúncias que têm chegado às mãos da gerontóloga estão casos de violência psicológica, física e financeira (familiares ficam com pensões por situações de

desemprego ou outras, levando os idosos a desistir de apoio domiciliário ou centro de dia). Muitos ficam tristes com as situações, mas não fazem nada.

Quando finalmente denunciavam, “sentem-se aliviados mas, ao mesmo tempo, desamparados e perdidos, porque quebraram os vínculos

IDOSOS HESITAM REVELAR MAUS-TRATOS E AINDA MAIS DENUNCIAR ÀS AUTORIDADES



Gerontóloga Ana Filipa Nascimento com idosos

com aqueles familiares. E depois de revelarem, é preciso mais um esforço para passar à queixa às autoridades”, sublinha a gerontóloga, que defende uma rede maior de apoio a esta franja social e políticas ativas de proteção.

Mas também, diz, apoio às famílias. O projeto “Cuidar de quem cuida”, que ajuda familiares sobrecarregados com a perda de autonomia dos mais velhos, é um dos bons exemplos que aponta para que os idosos não sejam

encarados como “um fardo”.

É difícil perceber se o número de casos tem vindo a aumentar, como parece, ou se a sua denúncia é agora mais efetiva. Segundo a gerontóloga, “vizinhos, instituições como a APAV e GNR, entre outras, têm feito um bom trabalho e já se começa a notar uma mudança”, ainda que ténue, com idosos mais predispostos a revelar o que sofrem. E o que se conhece, acredita Ana Filipa, “está muito longe da realidade”. ●



AVAV registou 176 casos nos últimos quatro anos

GETTY IMAGES

Abusos. 17% das acusações do DIAP de Lisboa desde 2010 envolvem pais

Procuradoria-Geral da República forneceu ao *i* dados sobre um fenómeno pouco estudado no país

Quase uma em cada cinco acusações do Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa pelo crime de abuso sexual de menores desde 2010 envolve os pais das crianças. Segundo dados fornecidos ao *i* pela Procuradoria-Geral da República, os pais seriam os agressores em 11 dos 62 casos em que houve acusação, uma incidência de 17%.

Estes são os primeiros dados oficiais sobre um fenómeno que até aqui surgia apenas nas estatísticas da APAV. Nos últimos quatro anos, como o *i* noticiou,

a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima registou um número sem precedentes de casos em que os abusadores terão sido os progenitores, o que atribui a maior sensibilização não descartando um aumento de incidência. No total houve 176 casos de 2011 a 2014 e em 2011 chegaram a representar 13% das situações de violência sexual relatadas à associação.

Numa altura em que se discute uma base de dados acessível a pais com os nomes de condenados por abusos não há muito mais informação sobre o fenómeno. O Relatório Nacional de Segurança Interna mostra ainda assim que em 75% dos inquéritos as vítimas têm relações familiares e de conhecimento com os agressores, o que sugere em que se a intenção for esclu-

tinhar o passado de desconhecidos o efeito será reduzido.

O *i* solicitou dados sobre abusos cometidos por pais ao Ministério da Justiça, que disse não ser possível fornecê-los. A PGR disponibilizou-se para recolher informação no DIAP de Lisboa, que cobre apenas este concelho. Desde 2010 deram entrada 616 inquéritos por este crime, dos quais 63 envolviam os progenitores (60 o pai, dois a mãe e um ambos). Em termos de inquéritos os agressores eram os pais em 10% dos casos, o que significa que a incidência quase duplica quando se considera apenas as acusações. Entre as 11 acusações que envolvem progenitores houve até à data seis condenações, uma extinção por morte e os restantes processos estão em julgamento. *Marta F. Reis*



Aumentou violência sobre seniores

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 852 casos de violência contra seniores em 2014, mais 10,1% face ao ano anterior, e 992 situações de agressões a crianças e jovens. Em média, todas as semanas, 16 seniores e 19 crianças são vítimas de crime em Portugal, segundo o relatório anual da APAV. Comparativamente com os dados de 2013, a APAV registou um aumento de casos de violência contra seniores, passando de 774 situações em 2013 para 852 no ano passado.◀



APAV registou aumento de casos de violência contra crianças e idosos em 2014

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 852 casos de violência contra idosos em 2014, mais 10,1% face ao ano anterior, e 992 situações de agressões a crianças e jovens

Em média, todas as semanas, 16 idosos e 19 crianças são vítimas de crime em Portugal, segundo o relatório anual da APAV 2014, a que a agência Lusa teve acesso. Comparativamente com os dados de 2013, a APAV registou um aumento de casos de violência contra as pessoas idosas, passando de 774 situações em 2013 para 852 no ano passado, um aumento de 10,1%. Também registou um aumento de casos nas crianças e jovens, que subiram de 974 para 992, o que representou um aumento de dois por cento. “Entre mulheres e homens, no seu conjunto, o aumento percentual foi o mais significativo com 12,4% (de 6.985, em 2013, para 7.848 em 2014), sublinha a APAV no relatório. De acordo com os dados, todas as semanas, em média, 130 mulheres e 21 homens recorrem aos serviços da associação. No cômputo geral, a APAV registou,

em 2014, 12.379 processos de apoio com atendimentos, a maioria de violência doméstica.

Em termos comparativos, de 2013 para 2014 existe um aumento do número de processos com atendimentos (quase 5%) e do número de crimes (4,4%). A APAV acompanhou 8.889 vítimas directas que foram alvo de 21.541 crimes e ou de outros actos violentos. Dos 12.379 processos, 91,9% tiveram o seu primeiro atendimento em 2014, existindo 8% de casos que transitaram de anos anteriores devido à complexidade das situações apresentadas. Do total dos crimes registados pela APAV, “claramente que os crimes contra as pessoas, particularmente no que diz respeito à violência doméstica (maus tratos físicos e psíquicos) sobressaem face aos restantes com 78,4% do total de crimes”.

Dos utentes que reportaram crimes à APAV, em 2014, 82,3% eram mulheres com idades entre os 25 e os 54 anos (37,1%). Relativamente à escolaridade, os níveis de ensino superior (7,6%) e o nível de ensino básico do 3º ciclo (4,8%) destacaram-se face aos restantes. Já no que diz respeito à principal actividade eco-

nómica, 29,6% dos utentes encontravam-se empregados e 19,4% desempregados. As vítimas de crime que usufruíram dos serviços da APAV eram maioritariamente casadas (32,8%) ou solteiras (22,7%) e pertenciam sobretudo, a um tipo de família nuclear com filhos em 39,4% dos casos. As grandes zonas urbanas concentram o maior número de vítimas que recorrem aos serviços da APAV, sendo a maioria destas, como em anos anteriores de nacionalidade europeia (91,2%). Em mais de 70% dos casos assinalados a vitimação ocorrida foi de tipo continuado. A duração deste tipo de vitimação continuada acontece, sobretudo, num espaço temporal entre os dois e os seis anos (19%).

Segundo a APAV, o principal local do crime assinalado foi a residência comum (entre vítima e autor do crime) com 52,6% das sinalizações. A associação registou 9.152 autores de crime em 2014, mais de 80% eram homens, com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (30%), 35,6% eram casados e em 31,7% dos casos tinham uma actividade profissional regular. ◀



Violência contra idosos e crianças aumentou em 2014, alerta a APAV

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 852 casos de violência contra idosos em 2014, mais 10,1% face ao ano anterior, e 992 situações de agressões a crianças e jovens.

Em média, todas as semanas, 16 idosos e 19 crianças são vítimas de crime em Portugal, segundo o relatório anual da APAV 2014, a que a agência Lusa teve acesso, em notícia veiculada pela SIC Notícias.

Comparativamente com os dados de 2013, a APAV registou um aumento de casos de violência contra as pessoas idosas, passando de 774 situações em 2013 para 852 no ano passado, um aumento de 10,1%.

Também registou um aumento de casos nas crianças e jovens, que subiram de 974 para 992, o que representou um aumento de dois por cento.

"Entre mulheres e homens, no seu conjunto, o aumento percentual foi o mais significativo com 12,4% (de 6.985, em 2013, para 7.848 em 2014), sublinha a APAV no relatório.

De acordo com os dados, todas as semanas, em média, 130 mulheres e 21 homens recorrem aos serviços da associação.

No cômputo geral, a APAV registou, em 2014, 12.379 processos de apoio com atendimentos, a maioria de violência doméstica.

Em termos comparativos, de 2013 para 2014 existe um aumento do número de processos com atendimentos (quase 5%) e do número de crimes (4,4%).

A APAV acompanhou 8.889 vítimas

directas que foram alvo de 21.541 crimes e ou de outros actos violentos.

Dos 12.379 processos, 91,9% tiveram o seu primeiro atendimento em 2014, existindo 8% de casos que transitaram de anos anteriores devido à complexidade das situações apresentadas.

Do total dos crimes registados pela APAV, "claramente que os crimes contra as pessoas, particularmente no que diz respeito à violência doméstica (maus tratos físicos e psíquicos) sobressaem face aos restantes com 78,4% do total de

crimes".

Dos utentes que reportaram crimes à APAV, em 2014, 82,3% eram mulheres com idades entre os 25 e os 54 anos (37,1%). Relativamente à escolaridade, os níveis de ensino superior (7,6%) e o nível de ensino básico do 3º ciclo (4,8%) destacaram-se face aos restantes.

Já no que diz respeito à principal actividade económica, 29,6% dos utentes encontravam-se empregados e 19,4% desempregados.

As vítimas de crime que usufruíram dos serviços da APAV eram maioritariamente casadas (32,8%) ou solteiras (22,7%) e pertenciam sobretudo, a um tipo de família nuclear com filhos em 39,4% dos casos.

As grandes zonas urbanas concentram o maior número de vítimas que recorrem aos serviços da APAV, sendo a maioria destas, como em anos anteriores de nacionalidade europeia (91,2%).

Em mais de 70% dos casos assinalados a vitimação ocorrida foi de tipo continuado. A duração deste tipo de vitimação continuada acontece, sobretudo, num espaço temporal entre os dois e os seis anos (19%).

Segundo a APAV, o principal local do crime assinalado foi a residência comum (entre vítima e autor do crime) com 52,6% das sinalizações.

A associação registou 9.152 autores de crime em 2014, mais de 80% eram homens, com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (30%), 35,6% eram casados e em 31,7% dos casos tinham uma actividade profissional regular.





ID: 58565113

27-03-2015

REGIÃO **APAV registou 1.487 crimes em 2014, com predominância para casos de violência doméstica**

Apoio à vítima ajudou 558 pessoas no distrito de Setúbal

O Gabinete de Apoio à Vítima ajudou 558 pessoas em 2014 no distrito de Setúbal, a maioria delas vítimas de violência doméstica, revela o relatório anual da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

Além de ter dado apoio jurídico a 361 vítimas, apoio social a mais 94 e apoio emocional em 386 casos, a APAV disponibilizou informação sobre outras instituições às vítimas que

pediram ajuda, ou que, de alguma forma, foram encaminhadas para a associação.

De entre os 1.487 crimes registados pela APAV no ano passado, há uma predominância de crimes de violência doméstica (1.319), incluindo um crime de homicídio na forma tentada, sendo certo que houve outros crimes de homicídio consumados na região de Setúbal, mas em que não houve intervenção da associação.

Ainda no que respeita ao tipo de crimes de violência doméstica registados em 2014, verifica-se, segundo a APAV, um grande número de casos de maus tratos psíquicos (480), bem como de maus tratos físicos (297) e de ameaça ou coacção (294).

Nos casos reportados à APAV, é também frequente haver uma relação parental entre o agressor e as vítimas, que são muitas vezes os cônjuges

(27,4%) ou ex-cônjuges (6,5%), companheiros/as (15,2%) ou ex-companheiros/as (13,8%) e os próprios filhos do agressor/a (12%).

Dos 578 autores dos crimes, 87,7% eram do sexo masculino, a maioria dos quais (40,9%) com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos.

No que respeita ao perfil das vítimas, 85,7% eram do sexo feminino, de idades com-

preendidas entre os 25 e os 44 anos (35,3%).

O relatório da APAV sobre o distrito de Setúbal refere ainda que os utentes vítimas de crime que usufruíram dos serviços da associação eram maioritariamente pessoas casadas (31,4%) ou pessoas solteiras (24,7%) e pertenciam, sobretudo, a um tipo de família nuclear com filhos em 37,5% dos casos. Além dos casos referidos pela APAV, há muitos outros

em que não é requerida a intervenção da associação, a exemplo do que já se verificou nos primeiros meses de 2015.

Até ao momento, segundo a associação, são já conhecidos dois casos de homicídio consumado de duas mulheres, que ocorreram no distrito de Setúbal, em situações tipificadas como violência doméstica, mas em que não houve qualquer intervenção da APAV.

LUSA

Dados são da APAV

Vítimas de crime também já aumentam no Alentejo

Roberto Dóres

O Alentejo continua a registar a mais baixa taxa do país de pessoas vítimas de crime, segundo dados revelados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), mas há sinais de alerta por toda região face ao aumento de casos de violência registados em 2014. Os três distritos somam 102 vítimas, o que representa mais 20 do que as 82 de 2013 e mais 40 do que em 2012. Uma curva de tendência ascendente que está a preocupar as autoridades. Ainda assim, a média do Alentejo representa apenas 0,4% das vítimas no todo nacional.

Évora é o distrito com mais registos de criminalidade na região, dando a APAV conta de 51 situações, quando em 2013 se ficava pelas 32 e no ano anterior tinha chegado às 28. Quase que duplicou o número de casos em apenas dois anos.

Já Beja somou mais três casos, comparando 2014 a 2013, passando de 21 para 24 vítimas, quando

em 2012 o registo era de 19. Portalegre foi o único distrito que exibiu uma ligeira queda, baixando de 29 para 27, depois em 2012 ter ficado pelas 15.

Ainda assim, se compararmos com os valores de 2010 encontramos alguma aproximação com 2014. Nesse ano Évora chegou aos 53 casos, a maioria (18) na própria capital, Beja teve 23 queixas de violência, sete dos quais no concelho de Odemira, e Portalegre 23, a maioria (dez) no concelho de Sousel.

O perfil da vítima exibido pela APAV aponta, na grande maioria (82,3%) para mulheres com idades entre os 25 e os 54 anos (37,1%) casadas (39,4%) e com filhos (39,4%). 7,6% possuem ensino superior e 29,6% encontram-se empregada. 28,4% têm relação de conjugalidade com o autor do crime.

Quanto ao perfil do agressor, mais de 80% são homens com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos de idade (30%).

Os dados recolhidos relativamente ao autor do crime em 2014,

caracterizam-no, em termos de estado civil, como casado (35,6%) e em 31,7% dos casos tinham uma actividade profissional regular. Em mais de 70% dos casos assinalados a vitimação ocorrida foi de tipo continuado.

A duração deste tipo de vitimação continuada acontece sobretudo, num espaço temporal entre os dois e os seis anos (19%). Diz ainda a APAV que, tendo em conta que a maioria dos casos referenciados pela associação foram casos de Violência Doméstica, “é fácil perceber que o principal local do crime assinalado tivesse sido a residência comum, entre vítima e autor do crime”, totalizando 52,6% das sinalizações.

Já quanto à existência de queixa ou denúncia para as situações sinalizadas, em cerca de 40% foi formalizada “uma queixa/denúncia junto das entidades policiais”.

De resto, a região acabou por acompanhar a tendência nacional, onde, comparativamente com dados de 2013, a APAV registou o aumento de casos em cada grupo de vítimas referenciado. Para as

pessoas idosas, de 774 casos em 2013, passou-se para 852 em 2014. Mais 10,1%. Para as crianças e jovens, o aumento percentual rondou os 2% (de 974 para 992). Entre mulheres e homens, no seu conjunto, o aumento percentual foi o mais significativo com 12,4% (de 6985 em 2013 para 7848 em 2014).

Ainda assim, não é de hoje que os portugueses que são vítimas de violência estão a perder a vergonha de denunciar os maus tratos, ainda segundo a APAV, sendo que a própria GNR confirma este dado, garantindo que os militares intensificaram a vigilância, sobretudo, junto da população mais isolada.

As autoridades admitem mesmo que alguns idosos ficaram mais expostos à agressão em face do agravamento da situação social que está a atingir algumas famílias mais problemáticas da região alentejana. “É quase sempre por causa do dinheiro. Quando os pais não dão o que os filhos problemáticos querem, acabam por sofrer represálias, que às vezes descambam em situações muito graves”, diz fonte



Apoio à vítima

Combate à violência doméstica

O combate ao crime de violência doméstica é uma preocupação permanente de todas as entidades, públicas e privadas, que de alguma forma podem contribuir para a erradicação deste crime.

É certo que a intervenção preventiva que visa sensibilizar e alertar toda a comunidade para este crime é determinante para a sua diminuição.

É igualmente importante a informação dirigida às vítimas para que saibam o que podem fazer, a quem se podem dirigir, para mudar e viverem uma vida sem violência.

No entanto quem comete o crime também precisa ser informado sobre as várias consequências dos seus atos e as possíveis

A intervenção preventiva é determinante para a diminuição do crime de violência doméstica.

medidas a que poderá estar sujeito, nomeadamente, a prisão.

Apesar de serem divulgadas algumas notícias sobre as medidas de coação preventivas e mesmo de condenações dos autores do crime, o mais comum é ouvirmos que as vítimas foram obrigadas a sair de casa e que as penas de prisão a que foram condenados, foram suspensas.

No entanto...

“O Tribunal de Instrução Criminal aplicou a medida de prisão preventiva a um homem que “insistia em coabitar” com uma mulher apesar de esta recusar manter a relação.”;

“O agressor foi detido por violência doméstica e vai aguardar julgamento em prisão preventiva.”;

“O homem detido por suspeita de violência doméstica e que terá impedido a ex-companheira de sair de casa durante alguns dias ficou em prisão preventiva, disse à Lusa fonte judicial.”;

“Quatro anos de prisão efetiva de um homem, residente em Lisboa, por violência doméstica contra o seu pai, de 76 anos, e a sua mãe, de 83 (...) Os crimes referem-se a agressões físicas, insultos, danos em bens das



vítimas, gritos e exigência de dinheiro sob ameaça”.

Estamos a assistir a um aumento de aplicação de medidas de coação de prisão preventiva ou de afastamento do agressor tendo este de abandonar a residência (local do crime), por lhe ter sido obrigado, pelo tribunal, a não se aproximar da vítima.

A prisão efetiva, também já é aplicada com maior frequência na condenação do autor do crime de violência doméstica.



O logo da Vida

Carolina Patrocínio corre pela APAV

A 12.ª edição da corrida de solidariedade e marcha das famílias da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) decorreu ontem e contou com a participação de várias figuras públicas.

Carolina Patrocínio, adepta de atividade física, fez questão de marcar presença e nas redes sociais publicou uma fotografia do momento em que cortou a meta no Mosteiro dos Jerónimos, em Belém. "10 quilómetros feitos pela APAV. Corre por quem não consegue fugir", escreveu a apresenta-

dora. Também a relações públicas Merche Romero e o apresentador Pedro Fernandes disputaram a prova solidária. O valor das inscrições (8 euros) reverteu na totalidade para a APAV, mas além disso esta corrida tinha também como objetivo incentivar a prática de desporto

como forma de combater o sedentarismo, para a conquista de um maior bem-estar e de uma vida mais saudável.





Aumentou violência contra crianças e idosos

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 852 casos de violência contra idosos em 2014, mais 10,1% face ao ano anterior, e 992 situações de agressões a crianças e jovens. Em média, todas as semanas, 16 idosos e 19 crianças são vítimas de crime em Portugal, segundo o relatório anual da APAV 2014.

Comparativamente com os dados de 2013, a APAV registou um aumento de casos de violência contra as pessoas idosas, passando de 774 situações em 2013 para 852 no ano passado, um aumento de 10,1%. Também registou um aumento de casos nas crianças e jovens, que subiram de 974 para 992, o que representou um aumento de dois por cento.

“Entre mulheres e homens, no seu conjunto, o aumento percentual foi o mais significativo com 12,4%”, passando de 6.985 (em 2013) para 7.848 (em 2014), sublinha a APAV no relatório.

De acordo com os dados, todas as semanas, em média, 130 mulheres e 21 homens recorrem aos serviços da associação. No cômputo geral, a APAV registou, em 2014, 12.379 processos de apoio com atendimentos, a maioria de violência doméstica. A APAV acompanhou 8.889 vítimas diretas que foram alvo de 21.541 crimes e ou de outros atos violentos.

Do total dos crimes registados pela APAV, “claramente que os crimes contra as pessoas, particularmente no que diz respeito à violência doméstica (maus tratos físicos e psicológicos) sobressaem face aos restantes com 78,4% do total de crimes”.

Dos utentes que reportaram crimes à APAV, em 2014, 82,3% eram mulheres com idades entre os 25 e os 54 anos (37,1%), maioritariamente casadas (32,8%) ou solteiras

(22,7%) e 39,4% pertenciam a um tipo de família nuclear com filhos. As grandes zonas urbanas concentram o maior número de vítimas. Em mais de 70% dos casos a vitimação foi de tipo continuado, sobretudo, num espaço temporal entre os dois e os seis anos (19%). Segundo a APAV, o principal local do crime assinalado foi a residência comum (entre vítima e autor do crime) com 52,6% das sinalizações.

A associação registou 9.152 autores de crime em 2014, mais de 80% eram homens, com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (30%), 35,6% eram casados e em 31,7% dos casos tinham uma atividade profissional regular.

ID: 58614632

31-03-2015

REGIÃO Gabinete de Apoio à Vítima de Setúbal apoiou, em 2014, 558 vítimas, alvo de 1.487 crimes

Presidente da APAV alerta para aumento dos processos de violência contra idosos

João Lázaro esteve em Palmela, a convite do Rotary Club, para dar uma palestra sobre violência doméstica

O presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), João Lázaro, alerta que aumentou, em 2014, o número de processos relativos a violência contra idosos. João Lázaro foi o palestrante de uma reunião promovida, na quinta-feira à noite, pelo Rotary Club de Palmela, no mesmo dia em que a APAV divulgou as estatísticas de 2014. No ano passado, o Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Setúbal registou 660 processos de apoio com atendimentos e acompanhou 558 vítimas directas, que foram alvo de 1.487 crimes ou outros actos violentos, destacando-se a violência doméstica (1.242 crimes).

As estatísticas da APAV revelam ainda que, dos 558 utentes que reportaram crimes ao GAV de Setúbal em 2014, 85,7%



PALESTRA. João Lázaro falou perante uma assistência de mais de 40 pessoas

eram vítimas do sexo feminino, a maioria com idades compreendidas entre os 25 e os 44 anos (35,3%). Já os autores dos crimes eram, na sua maioria, do sexo masculino (87,7%) e com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (40,9%). As grandes zonas urbanas concentram o maior número de vítimas que recorrem aos serviços do GAV de Setúbal, residindo a maioria delas em Setúbal (43,4%) e em Palmela

(12,4%). Em termos comparativos, o GAV de Setúbal foi, em 2014, a quinta unidade orgânica da APAV no país com maior número de processos de apoio (5,3% do total nacional), logo a seguir aos GAV de Lisboa, Porto, Cascais e Ponta Delgada.

Do panorama nacional, João Lázaro destacou o aumento do número de processos relativos a violência contra idosos. **“É nossa convicção que isto significa uma tendência de desoculta-**

ção progressiva do fenómeno, mas que é apenas a ponta do iceberg”, referiu. O presidente da APAV acredita que **“uma das consequências da violência intra-familiar, neste quadro de crise, foi sobre as pessoas mais idosas”** e que, ao mesmo tempo, **“há um maior despertar para esta situação, uma maior consciência social e da comunidade”**.

Em termos de prevenção e apoio às vítimas, o presidente da APAV reconheceu que esta é

ainda **“uma área de intervenção muito complexa, porque há falta de um quadro legal de intervenção e é uma área para a qual as próprias autoridades e os poderes públicos só agora estão a despertar de uma forma maior”**. **“Há a necessidade de tomar medidas de protecção, como acontece com as crianças e jovens, relativamente a estas pessoas”,** defendeu.

João Lázaro elogiou ainda o trabalho do GAV a funcionar na região. **“Setúbal sempre teve um trabalho primordial, porque é o nosso gabinete avançado na região para além do Tejo. Muitas vezes, para situações de apoio muito especializado a familiares e amigos de vítimas de homicídio, é o GAV de Setúbal que assegura esse tipo de apoio em regiões do Alentejo, por exemplo”,** explicou.

“É meritório o papel que a APAV tem tido”

A reunião promovida pela Rotary Club de Palmela juntou

mais de 40 pessoas, na maioria rotários. **“O tema e o convidado têm a ver com algo que nos tem preocupado no Rotary Club de Palmela, que é o problema da violência doméstica. É um fenómeno que tem vindo a crescer em termos numéricos, um problema que tem vindo a agudizar-se”,** explicou o presidente do Rotary Club de Palmela, Jaime Puna, reconhecendo que **“é meritório o papel que a APAV tem tido”**. Com esta iniciativa, o Rotary pretendeu, assim, **“chamar à atenção para este problema e dar um sinal à comunidade e às instituições que há que combater urgentemente, de maneira mais eficaz, este problema”,** acrescentou.

Para o final de Abril, está já programada uma nova reunião com palestrante, sobre o tema da corrupção, tendo como convidado Paulo Morais, vice-presidente da Associação Cívica Transparência e Integridade.